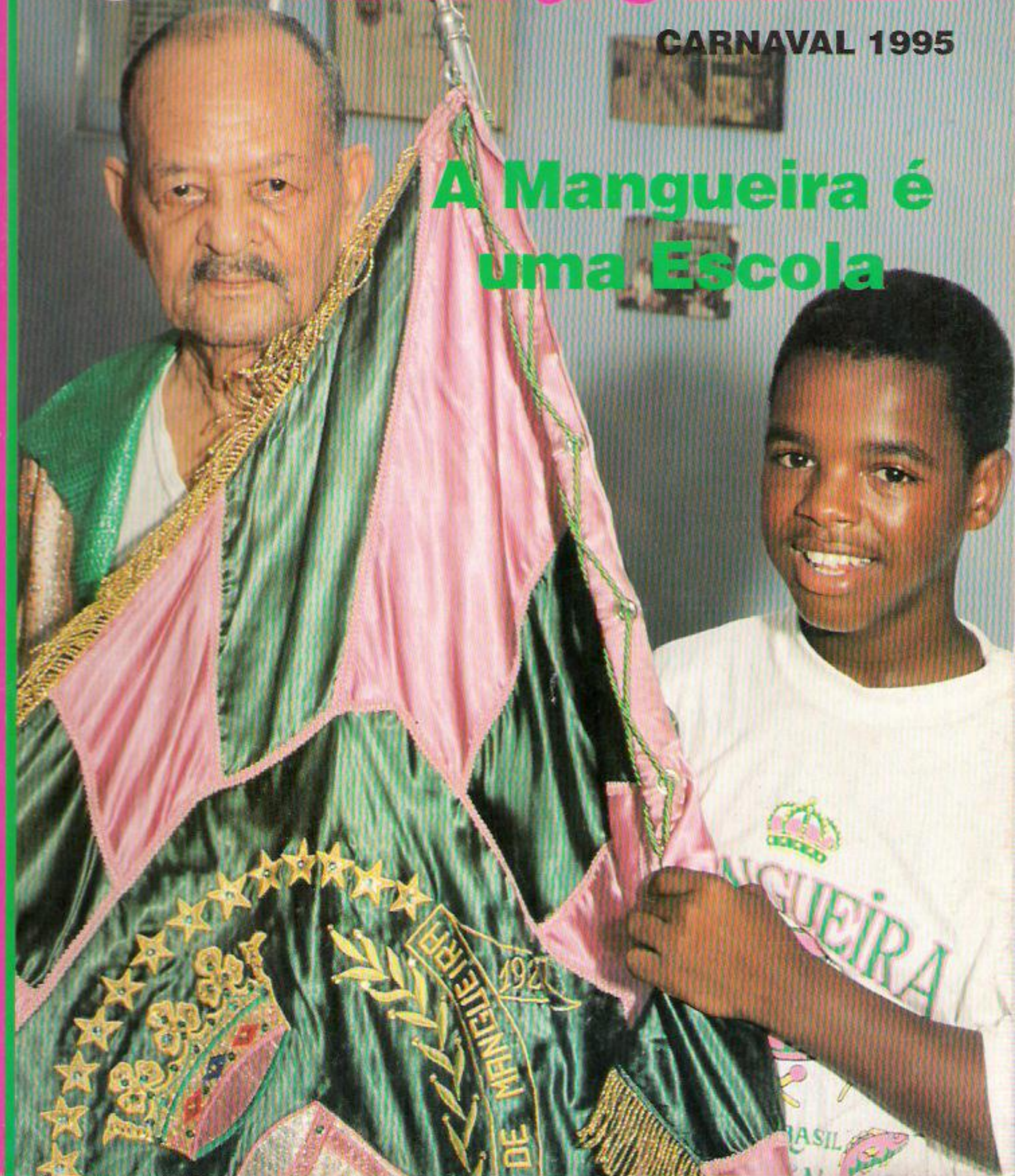




MANGUEIRA

CARNAVAL 1995

A Mangueira é
uma Escola



QUE OUTRO PRODUTO
PODE AFIRMAR
QUE VAI SER SUCESSO
DAQUI A 65 ANOS?



Conquistando consumidores desde 1929.

EXPEDIENTE

DIRETORIA

Presidente - Roberto Firmino dos Santos — Vice-Presidente - Ivo Rene Meirelles — 1º Secretário - Aramis Santos — 2º Secretário - Margarida Jesuino da Silva — 1º Tesoureiro - Raymundo de Castro — 2º Tesoureiro - Aluizio Derzons da Silva — 1º Diretor Social - Guanayra Firmino dos Santos — 2º Diretor Social - Aicir Toledo Oliveira — 1º Diretor de Patrimônio - Jair Campos da Silva — 2º Diretor de Patrimônio - Robson Roque — 1º Diretor Cultural - Cristovão José N. Marinho — 2º Diretor Cultural - Deisy da Volta L. Dias — 1º Diretor de Divulgação - Alberto Miranda — 2º Diretor de Divulgação - Osni Santos Melo — Deptº. Feminino - Dulcinéia de Oliveira Paes — 1º Diretor Jurídico - Mirian B. Monteiro — 2º Diretor Jurídico - Luiz André de B. Vasserstein — 1º Diretor de Harmonia - Olivério Fereiro — 1º Diretor de Esportes - Francisco de Carvalho — 2º Diretor de Esportes - Marco Antonio Gomes — 1º Diretor Médico - André Luiz C. Freire — Procurador - Amando Felix de Souza — Representante LIESA - Alcione P. Barreto

COMISSÃO DE CARNAVAL

Presidente : Guanayra Firmino dos Santos — Vice-Presidente : Nilcemar Nogueira — 1º Secretário: Edson Marcos G. de Andrade — Secretário: João Angelo — Membros: Aramis Santos — Amando F. de Souza — Amauri R. Wanzeler — Aicir T. Oliveira — Alberto Miranda — Cristovão Marinho — Daisy da Volta L. Dias — Dulcinéia de Oliveira Paes — Elmo José dos Santos — Jorge Fallasse — Lena Frias — Márcio Perota — Marliá Barboza — Mirian B. Monteiro — Raimundo de Castro — Robson Roque

CONSELHO DELIBERATIVO E FISCAL

Presidente: Francisco Carvalho — Vice-Presidente: Elias Riche

REVISTA DA MANGUEIRA

Editada pela Comissão de Carnaval — Coordenação Geral: Marliá Barboza — Fotografia: Flávio Colker — Assistente de Fotógrafo: Alexandre Ostrovsky

NOSSA CAPA:

Carlos Cachaça, 92 anos, o único fundador vivo, ao lado de Roberto Garrichinha, 14 anos, simbolizando o futuro da Mangueira.

O carnaval chegou. E a gente fica tão alegre, que esquece o quanto foi difícil arquitetar aquilo tudo, desde as necessidades mais simples, até as decisões mais complicadas.

1994 foi um ano particularmente difícil de administrar sob todos os aspectos.

O 11º lugar no carnaval deixou lesões muito fortes em todos os segmentos da Escola. Foi um resultado muito ruim, diante das expectativas fantásticas que tínhamos no enredo "Atrás da verde-rosa só não vai que já morreu".

Durante o ano inteiro, a Mangueira e os baianos viveram um casamento feliz, a cidade inteira aplaudindo. No desfile, foi aquilo que vocês viram e ninguém explicou... nem entendeu.

Todo mundo falava que escola de samba, hoje empresa, deveria ser administrada profissionalmente, por meio de forte esquema de marketing etc, etc. - resolvemos experimentar. Não deu certo. A Diretoria da Estação Primeira de Mangueira teve que arcar sozinha com o ônus de tudo. Tudo bem. Só pedimos perdão aos baianos por não ter dado a eles o merecido 1º lugar que, sem qualquer parceria empresarial, oferecemos a BRAGUINHA, a CAYMMI, a DRUMMOND.

O trabalho de reconstrução é árduo, pois nessas horas os adversários não nos poupam, e mesmo alguns aparentemente amigos, ou se afastam, ou ficam em cima do muro. Entretanto, quem permanece é o povo que segura o rojão, arregança as mangas e sua a camisa. Foi assim com a nossa Comissão de Carnaval. Juntos, estamos apresentando



um trabalho honesto, bonito, sem purpurina demais, com a cara da Mangueira.

"A ESMERALDA DO ATLÂNTICO" reproduz bem tudo aquilo em que acreditamos: da fantasia das lendas de Fernando de Noronha à realidade da conclusão final do enredo, a Estação Primeira reafirma sua crença nas tradições.

É o samba "pegou" que está uma beleza!

Como o Carnaval/95 fecha uma gestão administrativa na Mangueira, gostaríamos que os amigos tivessem conhecimento de algumas realizações da atual administração, como a construção do Atelier na Vila Olímpica, a reforma do Barracão (sem custos, pois teve patrocínio), a construção de 19 novos camarotes na Quadra, além do nosso empenho pessoal como Presidente em resgatar laços antigos, trazendo de volta pessoas da importância de Neuma, por mal entendidos afastada. Hoje, ela está na Avenida conosco.

TUDO PELA MANGUEIRA. Se você também pensa assim, nossa despedida não precisa ser ADEUS, mas um carinhoso ATÉ BREVE!

ROBERTO FIRMINO

A VOZ DO PRESIDENTE

Mangueira
95

A stylized white figure with a heart-shaped head and a speech bubble, set against a yellow background. The figure is composed of white shapes with black outlines. The head is a heart shape, and the body is a simple, elongated form. A speech bubble is attached to the top right of the head, containing the text "Agora eu tenho escolha." in black, sans-serif font. The background is a solid, bright yellow color.

Agora
eu tenho
escolha.



REFRIGERANTE DE COLA NÃO FERMENTADO NÃO ALCOOLICO
COMPOSICAO AROMATIZANTES NATURAIS COMPOSTOS E ADULTIVANTES
E 1,4% III ACIDULANTE W III ATULCAR CARAMELO ACUM CASULICA DA
CITRINA FAR E ENG POR PEPSI COLA ENGARRATADORA LIDA
RCD S CARRELL P RUILO COITO B- 64 JORDIAI SP
COTI P DRZ-1-15-0004 PARA PEPSICO CIA POR NET
DE PEPSICO INC NY USA REG DO PROD MO
M E SIAVO DA ACP *****IRA N° 00020704
COM ESTE N° DE MARCAO

NOVA

Prove.
Mude.
Peça





A Mangueira é uma Escola

Arthur L. de Oliveira

Escola de Samba - expressão surgida no final dos anos 20 - designava a princípio agrupamentos que basicamente pretendiam ensinar ao conjunto da sociedade o ritmo, a organologia, os textos e a coreografia do gênero. Compreenderemos bem a necessidade desses ensinamentos, se nos lembrarmos que não se conhecia então, fora das comunidades de descendentes de escravos negros, a batida diferente do samba, até hoje não bem executado por músicos estrangeiros. Também não se conhecia agogô, cuíca, percussão exclusiva e pesada de acompanhamento, nem a dança dos passistas derivadas dos rituais angolanos de matrimônio. No primeiro desfile, patrocinado por um jornal, em 1932, a imprensa noticiava que seriam apresentados esses instrumentos desconhecidos. Era a época em que os artistas profissionais procuravam os sambistas, chamados de compositores espontâneos, para comprar samba ou para levá-los para os estúdios de gravação e para as orquestras como percussionistas. Era levada tão a sério essa faceta didática da instituição, que em seus terreiros não se permitia serem cantados sambas de compositores comerciais estra-

nhos, sambas chamados depreciativamente de "sambas de rádio".

Dessa significação original quase não nos lembramos mais. Escola de Samba hoje é o grande show do carnaval. O maior show da Terra. Pelo menos é esse o nosso pensamento quando ouvimos a locução.

Mas a Mangueira é as duas coisas. Levanta a arquibancada na Marquês de Sapucaí, mas continua sendo uma escola de samba como antigamente. Como sempre foi.

Quando se tratava de ensinar samba ao Brasil, esse mangueirense Jose Espinguela, criou o primeiro concurso entre Escolas de Samba, no remoto domingo, 20 de janeiro de 1929, dia de Oxossi. Na proto-história do samba enredo, Mangueira é a primeira presença com o Na Floresta, de 1932, e também a segunda com Homenagem, de 1933, respectivamente de Cartola e Carlos Cachça. Quando o samba enredo se fixou, no fim da década de 40, os dois compareceram com Vale de São Francisco, e daí em diante os sambas enredo da nossa escola se alinharam sempre na primeira fila: Primavera, Getúlio Vargas, Monteiro Lobato, Cem anos de Liberdade não fazem

sucesso no mundo - fazem sucesso imorredouro nos corações e nas mentes dos brasileiros. Porque o samba enredo - como a feijoada - só faz sucesso no Brasil.

Quando vieram comprar samba aqui no morro, em 1929, foi Cartola quem vendeu a Mário Reis o "Que infeliz Sorte". Cartola, Carlos Cachça, José Gonçalves (Zé com Fome), Aluizio Dias, Nelson Cavaquinho, Babáú, Nelson Sargento levaram o nome da Mangueira para o canção nacional com brilho invulgar.

Foi um fundador da Mangueira, Marcelino José Claudino, quem introduziu mestre-sala e porta-bandeira nas escolas de samba, inspirado nos desfiles dos ranchos. Essa contribuição mangueirense foi saudada por Carlos Drummond de Andrade num poema feito para "A Voz do Morro" jornal oficial da Escola, em homenagem a ela:

"(Ó mestre-sala, lírica invenção de Estação Primeira entre as primeiras)"

Porque a Mangueira - é bom que se saiba - é a única escola de samba que publica, desde 1935, um jornal seu. A bem da verdade deve ser dito que nes-

tes 60 anos só saíram 4 números de "A Voz do Morro", que por isso são verdadeiras raridades. Mereceram até elogio de Martinho da Vila:

... "essa vizinha amiga vai sempre crescendo, evoluindo, dando exemplos para o mundo do samba.

Já tem até jornal. Que legal"

Não surpreende, pois, que o grande Camara Cascudo tivesse confessado:

"Sou velho devoto da Mangueira, desde velho tempo do palhinha e camisa listada, ao esplendor contemporâneo".

Para continuar merecendo essas devoções, Mangueira prepara hoje o sambista de amanhã, prepara-o nos dois sentidos: mantém uma escola de samba mirim, a Mangueira do Amanhã, onde tudo, da bateria à composição do samba enredo, é criado pelas crianças. E prepara também seguindo o conselho de Candeia novo:

"Canta um samba na universidade

E verás que teu filho será príncipe de verdade..."

"E aí então jamais tu voltarás ao barracão".

Dessa forma a Escola possui uma Vila Olímpica que prepara os corpos dos jovens mangueirenses e um Ciep que lhes aprimora a inteligência.

A partir deste ano integrará o currículo de estudos um curso pioneiro de cultura Afro-Brasileira.

A Mangueira é uma Escola, é uma Escola, é uma Escola.

Mangueira



Ele chega dando bronca, de chinelo, bermuda, camiseta e... barbudo. É Jorge Simão, o presidente da Mangueira do Amanhã. Senta lá longe, parece que não quer muita conversa. "Tenho um compromisso, não posso demorar". Mas o assunto é a menina dos seus olhos. E aí, Simão acaba perdendo a hora. Começa con-

tando que só há 5 escolas possuidoras do certificado da Lei Rouanet. A sua é uma delas. Tem também o Certificado de incentivo do ICMS. É assim, com shows, doações, busca de eventual patrocínio e com a ajuda de amigos, que a Mangueirinha se sustenta. "Aqui a gente não quer privilégios pra ninguém. Todos têm

do Amanhã



que ter igual oportunidade, conhecer a história da comunidade, as origens, a vida dos fundadores, dos antigos". Tem um arquivo de fotos raras, que volta e meia mostra à meninada, enquanto desfia os casos do passado que a cultura oral cristalizou para ser transmitida daquele jeitinho mesmo. De vez em quando, solta um palavrão

— por que não, até na televisão o povo fala! — mas todo o discurso é de uma lucidez enorme, de uma profunda consciência do próprio papel, com relação às 3 mil crianças que coordena e de quem confere os boletins escolares do ano anterior: se não passou de ano, não pode desfilar.

*O carnaval é a maior ex-

pressão de cultura popular de que se tem conhecimento", assegura. Fala do enredo deste ano, de sua autoria, "Os meninos da Mangueira", samba de Helio Turco e Alvinho, querem mais?

Do mestre-sala Manoel e da porta-bandeira Bruna (gracinhas!), de Jackson e Iradi (2º casal), de Geneci, o diretor da bateria mirim, dos puxadores Rogerinho, Carlinhos Branco e Roberto Jeferson, aquele boneco lindo, que depois do carnaval vai começar a trabalhar no show da Alcione, a madrinha. Dentre as crianças que passaram por lá e já se profissionalizaram, cita Wesley, o repique-show, Genecy, trabalhando na Plataforma, Marquinho e Birinha, 1º e 2º mestres-sala da Estação Primeira, Patrícia, Ubirajara e Wanderson, da Viradouro, Ponte e Jacarezinho, respectivamente.

A conversa flui. Simão está sentado bem perto, já perdeu a hora e o encontro. Diz que o sonho de 8 em cada 10 meninos é ser ritmista. Está atento ao anseio de todos. A tarde termina e o papo também. É uma pena. Simão é dessas pessoas com quem dá vontade de ficar batendo papo até o sol raiar.

DIRETORIA DA MANGUEIRA DO AMANHÃ

Presidente:

Jorge Simão

Vice-Presidente:

Jurema

Diretores de Harmonia:

Elmo e Delegado

Diretora Cultural:

D. Zélia

Secretária:

Iolanda

Tesoureira:

Fátima

Chefe do Barracão:

Marquinho

Diretoras de Esporte e Lazer:

Terezinha e Penha

Vila Olímpica: É Verde e Rosa a Cor de sua Bandeira

O complexo Vila Olímpica da Mangueira ocupa uma área de 35 mil metros quadrados no bairro de São Francisco Xavier, próximo ao morro, de que é separado pela linha do trem. ("Aquele mundo de zinco que é Mangueira/desperta com o apito do trem..." cantavam Nássara e Luiz Antônio em 1951). O terreno, hoje da Mangueira pertencera à Rede Ferroviária Federal, numa intrincada trama de propriedade e posses que a competência de Francisco de Carvalho (o Chiquinho da Mangueira, Diretor Geral de Esporte) foi pacientemente desvendando e desmanchando.

Em 1987, naquelas terras de capim e capoeira brava que quase cobriam os depósitos e oficinas da Rede, tomava corpo um velho sonho verde-e-rosa, um dos mais bem sucedidos empreendimentos já realizados no País — o Projeto Olímpico da Mangueira. Em 1994, o Projeto incorporava o Ciep Nação Mangueirense, um centro educacional completo e que funciona. Onde nada falta, nada falta, dirigindo pelas professoras Elizabeth dos Santos Silva e Teresinha Labruna.

Tudo feito pelo povo, cujas academias dão samba e cujas estações de trabalho e luta contróem um País.

A Vila Olímpica é ajardinada, mas só se plantam flores róseas, semeadas e cuidadas pelos mestres-jardineiros Paulinho e Marquinho, do Buraco Quente, dedos verdes, mãos de planta, compadres de Ossanha, o senhor da folhas. São eles que ensinam jardinagem à garotada da comunidade.



Lena Frias



"Alguns são futuros agrônomos e botânicos, se Deus quiser", devaneia seu João, do Chalé, cujo filho, Ernesto, é quadro da Vila Olímpica.

Sobre o vasto campo verde-e-flores, paira certamente o espírito protetor de Cartola, conversando com as rosas. Ah, sim, ali elas falam. Dizem de um futuro bonito quando os filhos da Mangueira gozarão das mesmas oportunidades de toda e qualquer criança, de qualquer categoria social.

Rose, 17 anos, olhos bem pretos como a pele, mira a esperança: "Eu aqui na Vila descobri a minha condição de gente. Antes eu tinha vergonha do lugar onde vivia. Agora percebi que tenho um papel, um lugar no mundo. Vou fazer curso superior e trabalhar pela Mangueira". Ao depoimento da menina ex-vendedora de limão, hoje estudante e atleta, segue-se o de Alexandre Oliveira de Araújo, 12 anos, craque no futebol, como o irmão Alex, de oito. Querem ser jogadores profissionais. O treinador Agnaldo acha que levam jeito. "A gente participou de um jogo no Recreio dos Bandeirantes. Com o Zico. Puxa, foi a glória", relata o mais velho.

Todos querem falar. Do reencontro com a própria dignidade, dos intentos para o futuro. Mas são muitos. Só no Projeto Olímpico, 1500. A esse número somam-se os 1200 do Ciep, os 2500 da escola de samba mirim. Um potencial de sonho, uma vontade de vencer, uma disposição do olhar o sol de frente, um impulso para a luta-cidadã que o coração da gente se comove.

Em 1994, o Projeto recebeu da UNESCO o prêmio de melhor obra social em países do Terceiro Mundo. As conquistas dos últimos sete anos são fantásticas: pentacampeonato infante — juvenil de atletismo, na disputa, em diferentes modalidades com mais de 60 clubes, entre eles, gigantes como Flamengo e Vasco. Campeonato Estadual de Futebol de Salão, categoria mirim. Dois atletas do handball (Ronald de Amorim e Almir Albuquerque, o Hulk) convocados para as Olimpíadas de Barcelona. E isso é só uma pequena

amostra do desempenho do pessoal da Vila Olímpica.

Que orgulho, Dona Maria, merendeira, cuja filha já conseguiu uma bolsa de estudos de segundo grau e quer ser enfermeira.

Que orgulho, seu Zé do Faria, camisa listrada verde e rosa, assistindo ao crescimento esportivo e escolar do sobrinho, menino do Buraco Quente, ex-marginal.

Que coisa, mestre Elmo do Tinguinha, Rato do Tamborim, cujos mestiços olhos azuis acendem-se ao contar casos da pré-história e conquistas da história do Projeto, de que é um dos dirigentes.

Que beleza, rei Pelé. Que bonita a expressão do seu rosto ao conhecer o Projeto e dizer via jornais e tevês, para todo o País, a emoção molhando a voz: "Quero plantar Mangueiras por todo o Brasil". Quem ali falava nem era o prestigiado e internacionalmente respeitado ministro dos Esportes Edson Arantes do Nascimento. Era Edinho, o crioulo pobre que jogava bola de meia, cujos pés desenhavam nos campinhos de várzea o glorioso destino.

Na Vila Olímpica a veterana repórter viu o livro que ainda não foi escrito mas cujos personagens erguem-se na grandeza de histórias de sangue e vida. Agnaldo Santana, filho de dona Piquitina rezadeira, da Joaquina, Tia Alice (de Jesus Gomes Coelho), precursora e implantadora do atletismo, grande campeã. E tantos outros.

Se ninguém atrapalhar, se ninguém adonar-se do Projeto com aquele ar superior de quem faz do povo, ainda que simbolicamente, lombo para chicote de feitor, ah, vai ser bonito, tão bonito!

E cada cidadão natural da Nação Mangueira poderá assumir o verso do poeta Angenor de Oliveira: "Semente de amor sei que sou, desde nascença..."

Os mosqueteiros: um por todos, todos por um

O organizador

Chiquinho fala de seu trabalho, iniciado em 1987, na fase de implantação da Vila: "Consiste em oferecer uma perspectiva de vida às crianças, em especial às da comunidade da Mangueira. O objetivo é despertar em cada uma delas um sentimento de cidadania claramente definido."

Mas vem de longe "essa garra, esse desejo de livrar a favela do estigma da marginalidade e do preconceito. Inserir a comunidade pobre no universo das oportunidades mais amplas de trabalho, de conquistas sociais."

Francisco de Carvalho, também presidente do Conselho Deliberativo da Escola tem a nobreza de atribuir a Agnaldo Santana, Tia Alice e Marquinhos do Telégrafo, a gênese do trabalho de redenção social da população mangueirense através do esporte. "Começou com eles, em 1966. O meu orgulho foi a oportunidade de poder estruturar, organizar o trabalho deles que, hoje, são meus assessores. Por isso eu sempre digo que esse Projeto não foi

coisa da noite para o dia, nem de cima para baixo. Ao contrário é um trabalho que nasceu no chão da comunidade como uma árvore nasce da semente. Fui e sou uma alavanca, um porta-voz, uma ponte com o mundo lá de fora, de onde sempre senti que poderiam provir os recursos. É o que acontece"

Chiquinho nasceu em Vila Isabel, cresceu no Maracanã e nas vielas e terreiros da Mangueira. É amigo de todos, conhece os de cima e os de baixo, o sim e o não. "A maioria das pessoas que trabalha na Vila é da comunidade, mas os cargos técnicos estão nas mãos de mangueirenses de fora. A troca é rica: esses trazem as ferramentas, as informações, o instrumental de um universo mais favorecido pelas oportunidades. Os daqui absorvem tudo isso e re-desenham o próprio futuro".

Entre as comunidades carentes do Rio, a Mangueira é a de melhor índice escolar e menor índice de criminalidade. Desde 1991 recebe do Ciro Darlan um documento oficial do Juizado de Menores atestando, a cada ano, não se verificar entre menores in-

fratores recolhido nas ruas, crianças da Mangueira.

Completa Jorge Simão, coordenador: "A Mangueira hoje não é só berço do samba mas também do esporte, da cultura, do lazer e da saúde, pois temos um projeto nesta área, aqui na Vila que dá assistência a cerca de 1500 pessoas por mês".

A menina e as carambolas

Menina pobre, 13 anos, correndo feira pra poder comer. Mulata linda, esguia, mais de metro e oitenta. Assim era Alice (de Jesus Gomes Coelho). Forte, sacudia aquele pé de carambolas do quintal da casa bonita, em Botafogo. As frutas em forma de estrelas cobriam o chão com as cinco pontas de suave amarelo. "Aí o pessoal da casa queria me pegar, mas de que jeito?" As longas pernas de moleca habituada às raias da rua saltavam belamente o muro, a futura fundista campeã (o vôlei, o basquete e o remo também a esperavam com troféus e medalhas) era uma corrida só, um pé de vento. "Uma atleta nata" descobriu o moço da casa das carambolas, dirigente do Botafogo.

Foi assim que tia Alice, madeira de lei da Estação Primeira, atual presidente da Acadêmicos do Engenho da Rainha (afilhada da Mangueira) e, este ano, madrinha da Banda de Ipanema, começou a carreira brilhante de sportista. Primeiro pela Estrela Solitária, depois pelo Flamengo, finalmente pelo Vasco. Mas não fechou a carreira: é membro da Associação de Atletas Veteranos (AVAT), ligada a similares internacionais e este ano estará em Buffalo,

nos Estados Unidos, representando o Brasil (arremesso e martelo).

Esta mulher extraordinária, enfermeira pediátrica aposentada, introduziu atletismo e outras modalidades esportivas na Mangueira, com Agnaldo Santana "Nos anos 70 a Mangueira foi vice-campeã de esgrima". Implantou o atletismo na Vila Olímpica e hoje está à frente do Círculo de Amigos do Menino Patrulheiro da Mangueira (CAMP), projeto conjunto Vila-FEEM, cuja finalidade é "ressocializar, treinar e encaminhar as crianças para o mercado de trabalho. Já começamos a ter retorno, Já tem firmas nos procurando e aproveitando nossos patrulheiros em seus quadros".

Mangueira pentacampeã de Atletismo. A garota das carambolas fala pela voz de saudade de Tia Alice: "Eu choro, eu sinto uma emoção forte. Sou eu que estou ali na raia, no campo".

Recolhe a emoção, fala com praticidade e segurança: "as escolas de samba podem desempenhar um papel muito importante de ressocialização do menor. Mas é trabalho lento que exige força de vontade, amor e muita dedicação. É por isso que aqui na Vila Olímpica o dia precisa ter muito mais que 24 horas. A gente faz com que tenha".

A Timidez do Mestre

Grande figura, o Agnaldo Santana, treinador de futebol de campo e salão, primeiro diretor esportivo verde-e-rosa. Timido, fala pouco e olha menos. Nem parece a fera, o rei do

campo, o dono da bola, que treina já a terceira geração do futebol mangueirense. Parece desconfortável e sem assunto diante da própria e rica história. Homem de ação, não de falação, quer livrar-se logo da entrevista, eita prebenda mais embaraçosa!

Vamos lembrando alguns de seus principais feitos, ele sentado na ponta do sofá, encabulado. Entre campo e salão tem bem uns 150 meninos lá fora esperando sua voz de comando no treino duro, mas sempre prazeroso do futebol. Foi Agnaldo quem primeiro inscreveu a Mangueira em diversas modalidades esportivas, isso 30 anos passados. Em 67 conheceu Chiquinho no campo do Vasco. "Engano pensar que Chiquinho é novo aqui." Com tia Alice, Marquinho, Cau do Chalé e Chiquinho foi estruturando o esporte, "Mas eu sabia que precisávamos de uma pessoa que fosse lá fora buscar recursos. Essa pessoa foi o Chiquinho. No começo da Vila eu queria futebol, tia Alice queria atletismo. Temos as duas coisas. Mas pra cair fundo no esporte, a gente exige bom aproveitamento escolar. Tem que estudar, pensar no futuro."

Alguma queixa? "Não é bem queixa, mas os clubes profissionais deveriam prestar mais atenção nos nossos atletas. Temos meninos aqui como o Bartolo o Andrézinho, o Ricardinho, que fariam bonito em qualquer grande equipe de futebol."

Seu sonho, Agnaldo?

Sorri meio sem graça! "Já se realizou. É esse mesmo, a Vila Olímpica".

"Mangueira, nascente de uma semente
à beira de uma nascente
Você não pode morrer, não, não"

"O samba nasce da semente
e a semente do samba
Só a Mangueira possui"

Hallo Cabral



SEMENTES DA MANGUEIRA

Mangueira
95



Como tem sido a Mangueira matéria de poesia! E como essa poesia se revela verdadeira na história da árvore/escola tão copada e frondosa quanto os mais solenes baobás!

Sementes da Mangueira, herdeiros da fantástica dinastia. Mil borboletas verdes-e-rosas "esvoaçando em fundo azul" espalham sem cessar, na terra fértil, as sementes da nobre árvore. Os frutos desse balé sublime estão aí, para o deleite de todos.

Nilcemar, Semente de Cartola

Cartola fundou e deu o nome à Mangueira, presenteando-a com as cores que a simbolizam. Emprestou-lhe dignidade. Foi seu compositor maior e o 1º Diretor de Harmonia. Durante 62 anos, falar num era falar na outra. Cartola e Estação Primeira sempre foram a mesma coisa. Mangueira e Nilcemar também.

Neta de Cartola, Nilcemar Nogueira foi adotada pelo avô aos 14 anos, quando o pai morreu. Já no ano seguinte, saiu na Comissão de Frente (1975 - Imagens Poéticas de Jorge de Lima), representando a musa do poeta: túnica longa, coroa de louros, harpa na mão. Premonição, quem sabe? Nos dois anos subsequentes continuou na mesma Comissão, aprendendo a grandeza de ser, naquela comunidade, herdeira de Cartola.

Em 1978, cinquentenário da fundação da escola, o lugar da família na Comissão

foi ocupado pelo próprio avô, representando a si mesmo, honra maior para o artista, no justo momento em que a saúde do homem começava a baquear.

Nilcemar, agora como assistente de Paulo Ramos, titular da Ala dos Hippies, observava que a nova postura de diretores e componentes não lhe agradava, pois era bem diferente do amor total e desinteressado que identificava no avô e na avó, Zica.

Em novembro de 1980 Cartola se foi. E ela percebeu que era preciso reacender a velha chama, a partir da organização de um pequeno grupo sob sua própria liderança. Assim nasceu a Ala Acauã, em 1982.

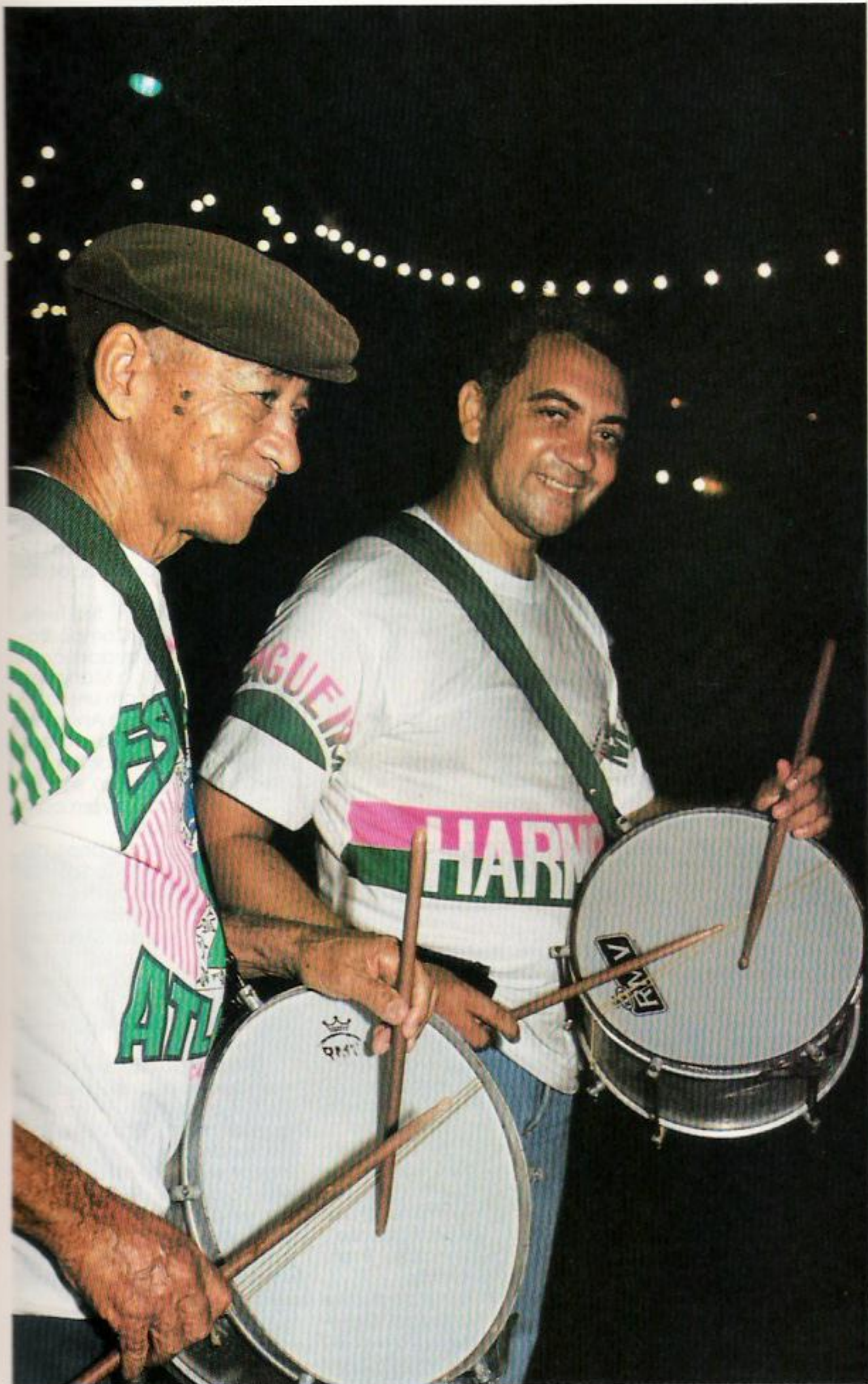
Observando o trabalho de Chininha, filha mais velha de D. Neuma, aprendeu a penetrar nos mistérios da célula básica da escola de samba - a ala - sendo atual-

mente Presidente das Alas Reunidas e Vice-Presidente da Comissão de Carnaval/95. Na gestão de Carlos Dória, atingiu cargo de Diretoria (1986 a 1989). Por feliz coincidência, a Mangueira foi bicampeã (86/87) e Vice-Campeã (1988), perdendo apenas por 1 ponto para a Kizomba da Vila Isabel. Já tendo sido Diretora das áreas Administrativa (Secretaria), Cultural e de Harmonia (área de pouco acesso às mulheres), só o filho João Vitor, de 3 anos e meio, divide com a Mangueira o amor de Nilcemar.

De formação acadêmica (Nutrição, na UNIRIO, Letras na UERJ), é um orgulho não só para os amigos e a família, mas para toda a comunidade mangueirense, que reconhece:

Cartola, raiz da Mangueira.

Nilcemar, semente de Cartola.



SEMENTES DA MANGUEIRA

Mangueira
95

Rato, Semente de Tinguinha

"Seu" Tinguinha, nascido Homero José dos Santos, chegou na Mangueira com 11 anos, em 1929. Criança ainda, aprendeu a tocar tamborim na casa de "Seu" Julio, mas um dia se apaixonou por um tarol e viveram felizes para sempre. "Seu" Tinguinha e o tarol eram uma coisa só. Presidente da Ala da Bateria durante 10 anos (1959 a 1969) e Vice-Presidente da Escola durante 3 gestões, nenhum cargo importante o impediu de sair na sua Bateria, da qual sempre conheceu todos os segredos. Até hoje, em Mangueira, falar em Tinguinha é falar em respeito, em seriedade, em discricção. Um simples grande homem que deixa o nome na história e um filho para prosseguir honrando esse nome: Elmo José dos Santos, o Rato do Tamborim. Aliás, o apelido — Rato — deve-se ao irmão menor, Elsinho, que por nascer prematuro virou "Ratinho". Elmo, maior e com grandes olhos azuis, por ser irmão do Ratinho moreno, passou a Rato Branco e depois, simplesmente Rato.

Importante lembrar a ascendência materna: Hilda, a mãe, é sobrinha do bambá Chico Porrão, um dos fundadores da Mangueira. Mas a história pessoal de Elmo/Rato na comunidade começou com a disputa das baterias realizada entre os meninos do Buraco Quente, onde morava, e os da Olaria, membros de dois blocos rivais.

No período que antecedia o carnaval, a garotada dos dois grupos percorria sofregamente as construções vizinhas, recolhendo sacos de cimento vazios que, untados com cola de farinha de mesa e postos para secar ao sol, serviam para "encourar" as latas também recolhidas por todo o bair-

ro. A fantasia e a habilidade dos guris transformava essas latas em inacreditáveis instrumentos de percussão, assim descritos por Elmo:

Lata de 10(kg): repique

Lata de 20 : surdo

Lata de marmelada

redonda: tarol

Lata de leite Ninho: cuíca

Lata de leite condensado: chocalho

Estavam prontas as baterias para a disputa carnavalesca, Buraco Quente x Olaria. Só que, no calor da exibição, o "couro" de papel não resistia e rasgava. Rato, desesperado, corria até sua casa, e mesmo antevendo o festival de porrada que ia acontecer depois, surrupiava os instrumentos sagrados da bateria da Mangueira, que lá ficavam sob a guarda de Mestre Tinguinha.

Não dava outra: ganhava a competição, mas levava surras "homéricas"! Isso se repetiu por alguns anos, até que "Seu" Homero/Tinguinha resolveu comprar um instrumento de verdade para os dois filhos (entre os 9 da casa) que tinham um tamborim no lugar do coração.

Tudo observando, o velho Mestre Waldomiro prometeu aos garotos formar uma bateria mirim. Prometeu e cumpriu, que Waldomiro Tomé Pimenta era homem de palavra. Escolheu 50 meninos de cada canto do morro, determinando:

"Cada um de vocês tem que dominar quatro instrumentos com perfeição. Um deles vocês deverão amar. Esse será o seu instrumento". Rato amou a caixa. E ensaiou o ano inteiro.

No carnaval seguinte (1966) - Exaltação a Villa-Lobos, estava ele entre os 30 melhores, escolhidos para sair à frente da bateria

grande. Louco de alegria, afinal pela primeira vez conseguia penetrar no reduto sagrado do pai com instrumento igual, apresentou-se a Waldomiro, dizendo estar pronto para sair na caixa. O velho decretou: "Rato, você ainda não tem punho para aguentar a caixa o desfile inteiro. Você vai no chocalho!"

Ninguém na avenida entendeu porque aquele menino de 10 anos balançava o chocalho chorando tanto. Mas no ano seguinte, Rato viu a Mangueira ser campeã, embalada pelo toque da caixa que já agora Mestre Waldomiro lhe permitia tocar. E aos 17 anos era o coordenador da bateria.

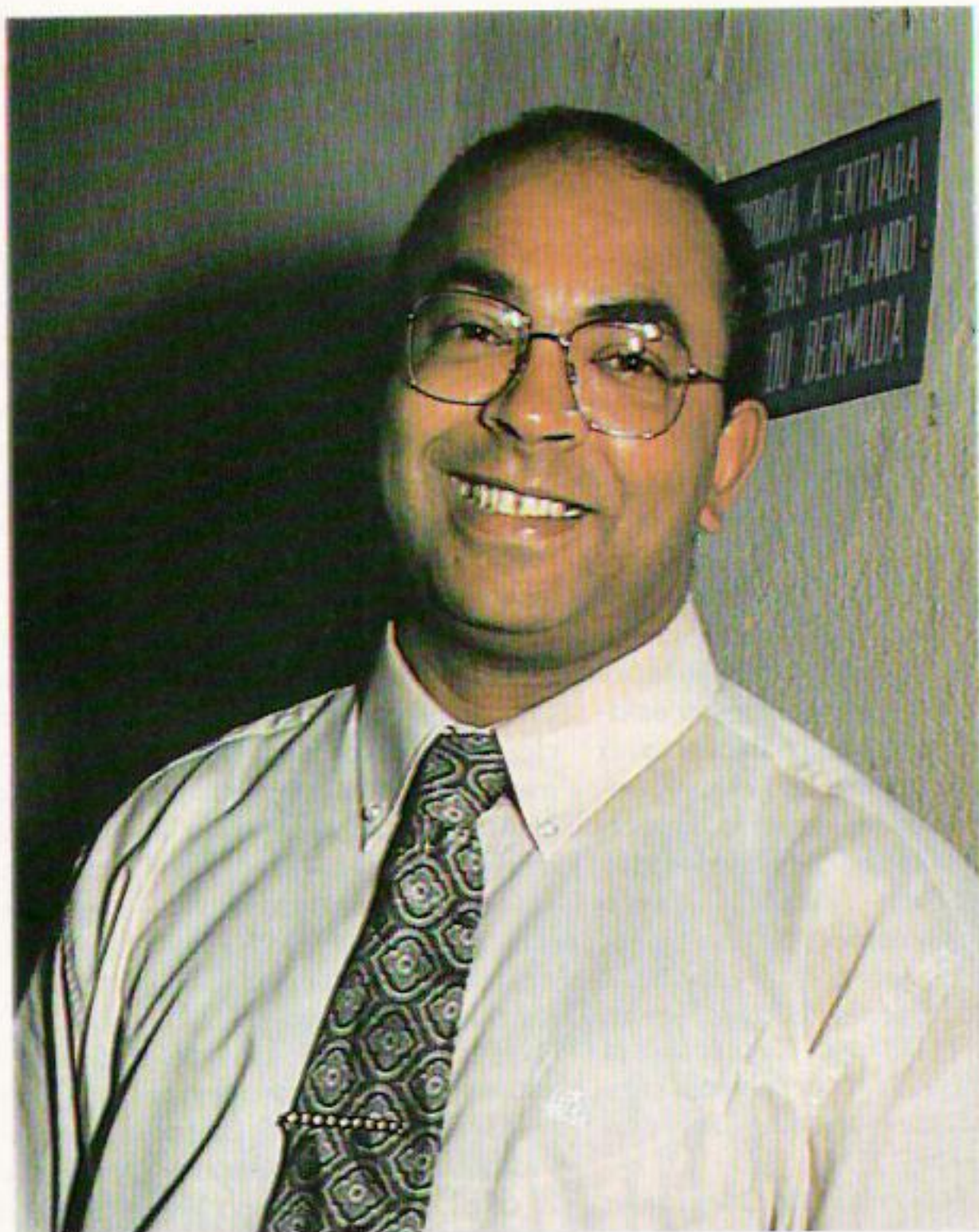
Daí em diante, fez teste para a Ala dos Compositores, sendo aprovado com louvor (em 1979, a Mangueira foi campeã com um samba de Rato, Tolito e Ananias) e passou por diversos cargos de diretoria (Diretor Social, Diretor de Harmonia), sendo, inclusive, o mais jovem conselheiro da Escola.

Titular durante anos do Conjunto Juventude Samba Show, que chegou até a viajar para o exterior e transformou o Rato da Caixa no Rato do Tamborim, Elmo José dos Santos cursa esse ano o 4º período de Direito na Universidade Veiga de Almeida.

Funcionando hoje como um supervisor honorário da bateria e da harmonia, apesar dos poucos 39 anos de idade, Rato é muito rígido em seus conceitos. Para ele, "o diretor de harmonia de uma escola de samba tem que ser ritmista, compositor, cantor, sambar samba de roda e ser passista".

Rato é tudo isso.

Rato é semente de Tinguinha.



SEMENTES DA MANGUEIRA



Mangueira
95

Marquinho, Semente de Lilico

A função de mestre-sala em escola de samba foi importada dos ranchos pelo mangueirense Marcelino José Claudino, o Massu, que exerceu o papel nos primeiros desfiles, dançando inicialmente com Raimunda e, depois, com a doce Lina. Logo, a existência dos mestres-sala, hoje, deve-se à Mangueira.

Ser mestre-sala na Mangueira é como vestir a camisa 10 no Santos Futebol Clube. Aquela camisa estará sempre associada à genialidade de Pelé. Aquela posição, ao lado da porta-bandeira, sempre fará lembrar Massu, pelo pioneirismo, e Delegado, pela figura emblemática, grandemente favorecida pelo próprio Criador, que ninguém mais que ele nasceu com aquele "physique du rôle".

Falando no Criador, a passagem de Lilico na Mangueira parece ter sido gerenciada pessoalmente por Ele. William Lourenço Braga nasceu na Mangueira há cerca de 40 anos (é da mesma geração de Rato), filho de D. Irene, baiana de tradição, irmão caçula de Licinho e Cisinho, ritmistas.

A década de 80 foi a década de Lilico. Discípulo de Delegado, mas trazendo uma elegância e uma beleza física completamente particulares, Lilico dominou a passarela dançando com Mocinha e, nos últimos dois anos (89/90), com Tidinha.

Numa grande homenagem a Carlos Cachaca, re-

alizada em setembro de 1989, no palco do Teatro João Caetano, ninguém esquece Lilico vestido de dourado, capa esvoaçante, dançando seu balé em torno da legendária Wilma da Portela, que segurava, alta-neira, a bandeira verde-erosa. Aquele momento único parecia simbolizar alguma coisa e realmente, no ano seguinte, o mestre-sala abandonou a passarela, o Carnaval e todo o universo que o cercava, convertendo-se ao protestantismo, membro da Missão Batista Ebenezer, da qual hoje é pastor. Assim como a dança de Lilico arrebatava multidões, hoje as pregações do pastor William orientam corações. Coisas do Criador. Que, ao nos levar o pai, deixou em seu lugar Marquinho, herdeiro do seu talento. Marcos Antonio Rodrigues, 23 anos, sentiu a dança "falar" no seu corpo quando fazia maculelê no Grupo Afro da Tia Alice, na quadra da Escola.

Tinha 6 anos. Continuou no Grupo até que Dalmo retomasse o trabalho de formação de Mestres-sala e Porta-bandeiras, em 1982. Desse ano até 1986, foi Mestre-Sala mirim, ano em que a ala recebeu o Estandarte de Ouro. Em 1991, saiu como 2º Mestre-sala, dançando com Ircléia. Nos 3 anos seguintes, o casal atingiu a honra maior de ascender ao 1º posto da escola. Este ano, uma nova ansiedade: em função da gravidez de Ircléia, Marquinho vai para a Avenida com

Jeovana, filha de Orlandy, ex-vice Presidente.

"Estou otimista e cheio de garra para com minha parceira Jeovana. Estamos prontos para brigar pela nota máxima e garantir a tradição mangueirense dos Mestres-sala nota 10".

Com relação à sua formação profissional, revela:

"Apesar de certas circunstâncias da vida não terem permitido que meu pai estivesse ao meu lado, contribuindo para minha formação, eu mostrei a Lilico da Mangueira que o sangue que me corre nas veias é o mesmo - e esse sangue é temperado pelo amor pela dança. Hoje, passado o tempo, sinto orgulho de receber os elogios do meu pai".

"Formei-me observando os mais velhos, eu admirava demais o Paulo Roberto da União da Ilha. De Delegado eu aprendi um certo passo, um jeito misturado de pés. Roxinho da Mocidade, Bagdá e meu pai eram modelos que eu procurava seguir. Mas foi o Dalmo que me ensinou a olhar o passo e o jeito dos mestres".

Filho primoroso, Marquinho ajuda a mãe a cuidar dos irmãos menores, trabalhando como bailarino nos shows do Scala. Quer se formar, crescer como ser humano, no mais puro exemplo daqueles que modelaram a comunidade à qual pertence e da qual ele, o 1º Mestre-sala, é uma das mais belas sementes.

Marília T. Barboza

MANGUEIRA 95

Organograma do Desfile



A *ESMERALDA DO ATLÂNTICO*

Realização: Comissão de Carnaval

G.R.E.S.E.P. DE MANGUEIRA

Presidente - Roberto Firmino

Vice-Presidente - Ivo Meirelles

Carnavalesco - Ilvamar Magalhães

ORGANOGRAMA

Diretor Geral do Desfile - Roberto Firmino

Diretor Geral de Harmonia - Xangô

CRONOMETRAGEM

Diretor Responsável: Raimundo de Castro/Chiquinho

Assistente de Pista: Jair Braga/Márcio

A ESMERALDA DO ATLÂNTICO

Samba-Enredo de Rody, Fernando Lima,
Paulinho de Carvalho e Verinha

Intérprete: Jamelão

No vai e vem deste mar
Eu também vou velejar
Eu sou Mangueira, vamos balançar!

} Bis

Ó pescador, o monstro engana e tem maldade,
Joga a rede e vai, saudade!

} Bis

Naveguei cruzando os mares
De verde-e-rosa eu vim
Desvendei tanta beleza
E hoje sou feliz assim, assim,
Numa onda de euforia
Deslizei nesta magia
E caí no azul do mar...
Lendas, mistérios, Alamoá,
Rainha que nos faz sonhar.

Foi na fonte
Que eu provei do seu encanto e despertei
Ó Cigana, fui olhar pra você
Eu me enfeiticei
Achei Noronha, meu maior tesouro
Onde o dragão protege o ouro
Que o capitão deixou
Linda, paraíso da ecologia
Jóia rara traz a poesia
Preservação e amor.

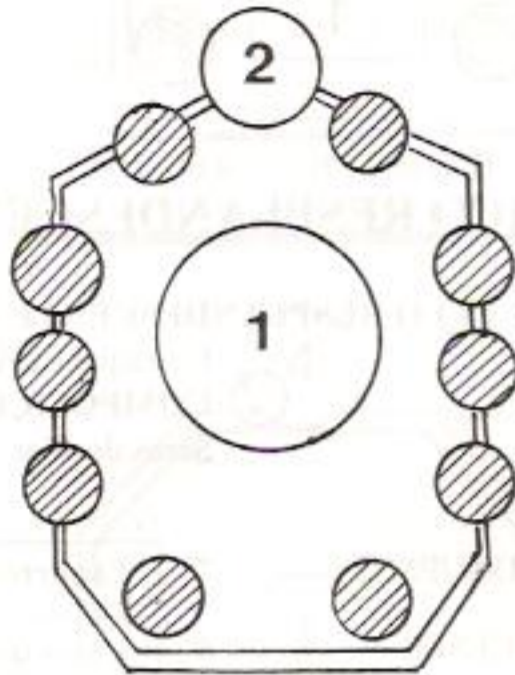
OBSERVAÇÃO: serão inseridas no desfile a critério da Direção de Harmonia e onde favoreçam a Evolução e o Conjunto, podendo deslocar-se entre várias partes do enredo.

- 1º) 1º Casal de Mestre-Sala e Porta Bandeira
(Marquinhos e Jeovana)
Diretor Responsável: Aramis
Orientador: Dalmo José
Harmonia: Pedro Paulo
- 2º) Bateria - (Mestre Alcir, Taranta, Russo, José Campos e Genecir)
Diretor responsável: Robson Roque/Dilmo/Edinho
- 3º) Passistas
Diretor responsável: Armando/Edinho

- 4º) Crooners
Jamelão, Eraldo Caê, Rody e Dirceu
Diretor responsável: Paulinho Carvalho
Grito de guerra: Ivo Meirelles
Cavaco: Alex
- 5º) Dispersão da Escola na Apoteose
Alas à esquerda
Diretor de harmonia: Carioca/Zacarias
Carros alegóricos: à direita
Diretor de harmonia: Chicão/Jorge Catete
- 6º) Equipes de apoio (Carvalhão, borracheiro, eletricitas, acabamentos)
Diretor responsável: Amauri/Gaúcho/Jorginho

Coreógrafa: Débora Colker
 Diretora responsável: Marília Barboza

A MANGUEIRA ADENTRA O MAR



Coordenador de Carro
 Cristóvão

- ① SENHOR SAMBA
Serginho do Pandeiro
- ② EXPLODE MANGUEIRA
Janaina
- COMPOSIÇÕES
Musas do Mar

- | | | |
|---|--------------------------|----------------------|
| 1 | Verde e Rosa | ÁGUAS DO ARQUIPÉLAGO |
| 2 | Opção/Seresteiros | ÁGUAS DO ARQUIPÉLAGO |
| 3 | Moana | ÁGUAS DO ARQUIPÉLAGO |
| 4 | Vendaval | ÁGUAS DO ARQUIPÉLAGO |

DIRETOR DE HARMONIA
 Luiz Nogueira/Sebastião Vaz

A
P
O
I
O

S
Ó

P
A
R
A

Q
U
E
M

P
O
D
E

Lula
 João Alves
 Geraldo Lopes

Lula
Antero Martins
Fernando Gomes

A
P
O
I
O

S
Ó

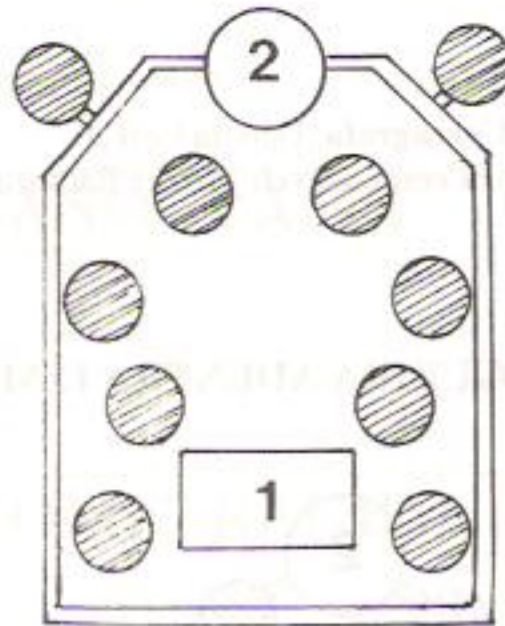
P
A
R
A

Q
U
E
M

P
O
D
E

Lula
Sebastião Dias
Milton de Souza

GRUPO SAMBA SHOW (5 PASSISTAS)



ATLÂNTICO RESPLANDESCENTE

Coordenador de Carro
João Angelo

② ÁGUAS CRISTALINAS
Destaque - LUDMILA

5 Acoucir

6 Estação Primeira

PORTUGUESES

FRANCESES

① O RESPLANDESCENTE ATLÂNTICO

Destaque - LAERTE RAPHAEL
COMPOSIÇÕES
Seres do Mar

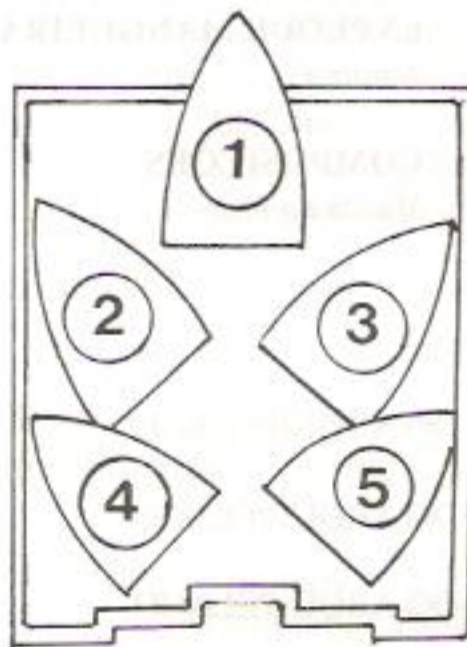
7 Esportes

8 Comunidade

HOLANDESES

INGLESES

DIRETOR DE HARMONIA
Genesio Veloso/Paulo Cesar Lemos



O HOMEM VEIO DO MAR

Coordenador de Carro
Elias Riche

② PORTUGUÊS
Destaque - D'STEPHANO

③ FRANCÊS
Destaque - ISAIAS

① FERNANDO DE NORONHA
Destaque - CARLOS VICTOR

④ HOLANDES
Destaque - CARLOS MAIA

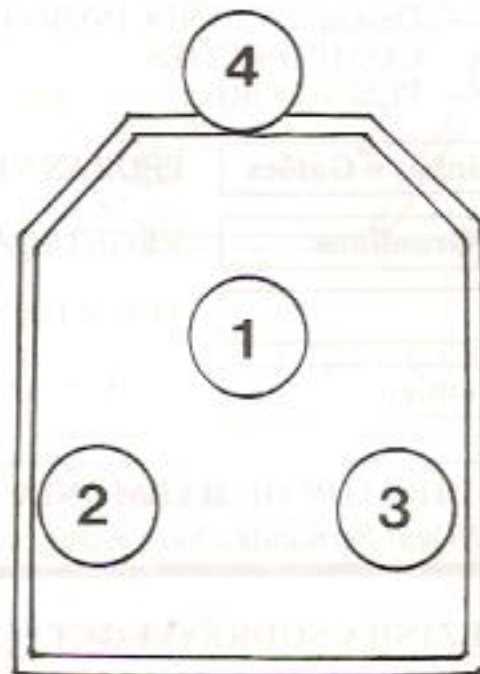
⑤ INGLÊS
Destaque - EDUARDO

IIº CASAL MESTRE SALA E PORTA BANDEIRA
UBIRACI (BIRINHA) E KÁTIA
 Diretor responsável: *Lena Frias*

Dilmo
Atila Miranda
Alfredo Mecher

9	Hippies/Quero te ver de Rosa	ARAUTOS DO CASTELO
10	Copacabana	LUZES DO CASTELO
11	ZMM	CORTESÕES DO REINO DE ALAMOA
12	É com nós mesmos/Renovação	CORTE DA RAINHA
13	Carcará	ESPECTRO DO CASTELO

DIRETOR DE HARMONIA
Walter Jorge/Wilson



A LENDA DA ALAMOA

Coordenador de Carro
João Riche

- ① ESPECTRO DO CASTELO
Destaque - BENI
- ② VEGETAÇÃO ESMERALDA
Destaque - RITA CLEMENTE
- ③ VERDES CAMPOS
Destaque - DJALMA OLIVEIRA
- ④ GERMÂNICA
Destaque - ANGÉLICA

14	Maracanã	PESCADORES
15	Comunidade	PESCADORES
16	Au au au	MONSTRO DO MAR
17	Reis/Mil e uma noites	MONSTRO DA PRAIA
17	Nos Somos Assim	APARIÇÃO OCÊANICA

DIRETOR DE HARMONIA
Lula/João do CIEP

**A
L
A

P
E
R
I
Q
U
I
T
O
S**

Dilmo
Élio Silva
Henrique Silva

ENOLILARA (MONSTRO DAS ÁGUAS)



A LENDA DO MONSTRO DO SUESTE

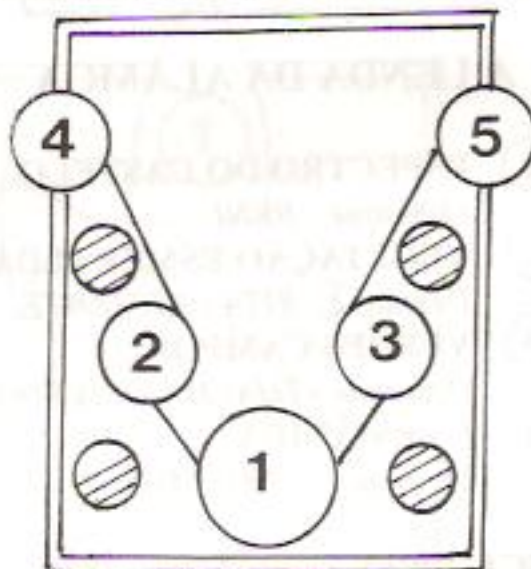
Coordenador de Carro
Lomelino

① ASSOMBRO MARINHO
Destaque - TANIA INDIO DO BRASIL
○ COMPOSIÇÕES
PESCADORES

- 19 **Alto Astral/Sambrasa/Gatinhas e Gatões** PEDRAS VULCANICAS
- 20 **Independentes da Bolívar/Granfinos** VEGETAÇÃO RASTEIRA
- 21 **Acauã** TEJUS DA MATA
- 22 **Amigos de Embalo/Vem Comigo** VIUVINHAS

DIRETOR DE HARMONIA
Nilton Fernandes/Nelson Souza

TEREZINHA SODRÉ (VEGETAÇÃO)

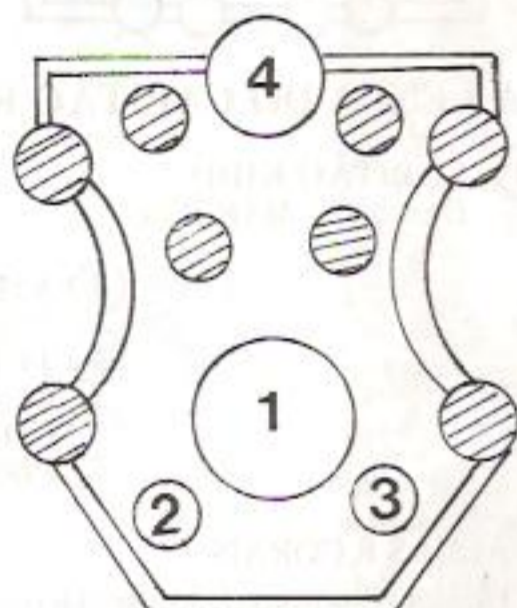


A LENDA DA CACIMBA DO PADRE

- Coordenador de Carro**
Avelino
- ① OS MISTÉRIOS DA LUA CHEIA
Destaque - COTINHA
 - ② APARIÇÃO DA NOITE
Destaque - PAULO CONDÉ
 - ③ FASTAMA DA NOITE
Destaque - NABIL
 - ④ APARIÇÃO
Destaque - BÁ MESSIAS
 - ⑤ SOTURNO
Destaque - DENISE
 - COMPOSIÇÕES
APARIÇÕES NOTURNAS

- | | | |
|----|------------------------------|-----------------|
| 23 | Mimosas/Depois eu digo | JOGO DA SORTE |
| 24 | Panteras/Deixa isso prá lá | DANÇA CIGANA |
| 25 | Brasas/Impossíveis/Arco Íris | AMOR CIGANO |
| 26 | Cheguei/Brasinhas e Brasões | FANTASMA CIGANO |

DIRETOR DE HARMONIA
Cara Preta/Marcelo Alencar



A LENDA DO CAJUEIRO A CIGANA

Coordenador de Carro
Elis Pinheiro

- ① **A CIGANA**
Destaque - CELESTE MULLER
- ② **CIGANO**
Destaque - LUIZ CARLOS
- ③ **CIGANA RICA**
Destaque - TUTI JORDÃO
- ④ **ISOTERICO**
Destaque - MONICA
- **COMPOSIÇÕES**
LINDAS CIGANAS

- | | | |
|----|--------------------|-------------------------|
| 27 | Arte e Manha | PIRATAS DO GALEÃO |
| 28 | Tropicana | TESOURO DO PIRATA |
| 29 | Fidalgos | OURO E PEDRAS PRECIOSAS |
| 30 | Passarela do Samba | TESOURO DO CAPITÃO |

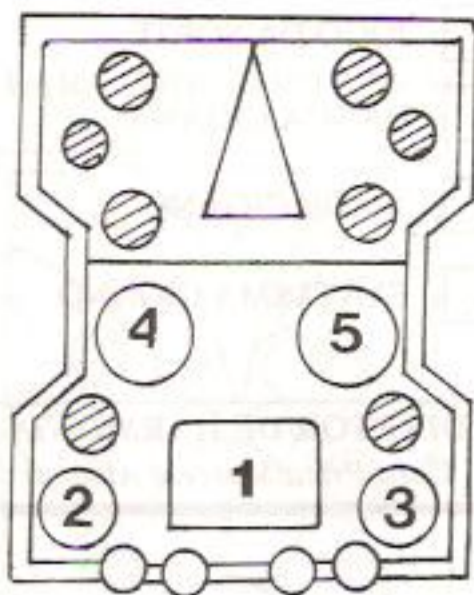
DIRETOR DE HARMONIA
Moisés Gordo

Jorginho
L. Eduardo
C. Teixeira

**A
L
A

B
O
Ê
M
I
O
S**

Jorginho
J. Omy
M. Barreto



Coordenador de Carro
Chico da Bolsa

A LENDA DO CAPITÃO KIDD

① **CAPITÃO KIDD**
Destaque - MARCELO

② **PRATA**
Destaque - SANDOVAL
③ **OURO**
Destaque - JOSÉ LUIZ

④ **AMETISTA**
Destaque - JORGE LUIZ
⑤ **TURMALINA**
Destaque - ELVIA
○ **COMPOSIÇÕES**
PIRATAS

31 **Baianas**
IONE FERNANDES
(FUNDO DO MAR)

ALGAS E CORAIS

Diretor responsável: Aluisio Derizan / Harmonia: João do Ciep/Seu Nêgo

32 **Comigo Ninguém Pode**

MAR E PEIXES COLORIDOS

33 **Realidade**

MAR E CARANQUEIJOS

34 **Aliados**

MAR E TARTARUGAS

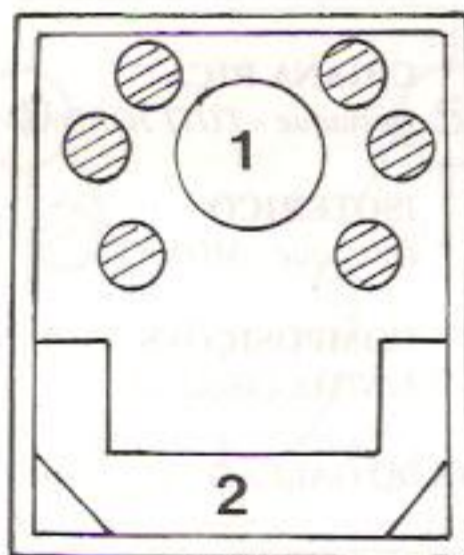
35 **Eles e Elas**

CONCHAS E CARAMUJOS

36 **Apoteose**

CONCHAS E SARGAÇOS

DIRETOR DE HARMONIA
Moisés Gordo



A ESMERALDA DO ATLÂNTICO

Coordenador de Carro
Irineu

① **A ESMERALDA DO ATLÂNTICO**
Destaque - MARIA HELENA

② **JÓIAS DA MANGUEIRA**
Destaque - PERSONALIDADE MANGUEIRENSE

○ **COMPOSIÇÕES**
MANGUEIRA EM MAR AZUL

37 **VELHA GUARDA**

Presidente da ala: Ed Miranda

DIRETOR DE HARMONIA
Elmo(Rato)/Jorginho/Serginho

Duas Estrelas do Céu no Chão



Alci



Beth Carvalho

D

uas mulheres fortes. Duas extraordinárias e exemplares histórias de vida. Duas estrelas cujo brilho ilumina a música popular brasileira. Duas iabás em

guerra e festa. Duas passionais que jogam corpo, sangue e alma em cada amor, cada paixão, cada canção. Na pele marrom-tigresa (a cor celebrada por Caetano em declaração apaixonada. Unhas negras e íris cor de mel) da escorpiana Alcione, as marcas cafusas, o tambor-de-mina maranhense, o atrevimento da boa torcedora do Flamengo. Na pele clara da outra, o branco-mulato tão Muito (do mesmo Caê: "mas na sua presença meu desejo/parece pequeno/muito é muito pouco") da taurina Beth Carvalho, torcedora do Botafogo, nascida na Gamboa, doce criatura em permanente estado de paixão pela cidade natal: "namoro o Rio o tempo todo".

Vibrando em ambas um amor comum, definitivo, que se exalta naquela loucura, naquele tesão, quando o surdo bate no coração e repercute no sexo - a entrega incondicional à Estação Primeira de Mangueira.

As duas têm histórias lindas sobre a gênese desse amor. Em Alcione menina bateu forte quando o verde-e-rosa coloria as páginas da revista O_Cruzeiro. Ela viajava nas fotos, era parte do cenário (Como soube antecipar o futuro!). "Havia ali uma força que não dá para explicar. Mexia com a brincante que sempre fui. É de família, meu pai foi mestre de festejos em São Luis. Aquilo me passava ao mesmo tempo um sentimento de liberdade e uma comoção. Uma vontade de estar junto daquele povo bonito que, apesar de tão pobre, morrer no morro, criava beleza". No rastro das cores acabou descobrindo, mais tarde, em São Luis um grupo de senhoras que, em quatro times jogava dominó numa praça local, embaixo de uma mangueira.

Pois não é que essas damas, em outubro de 1928, mesmo ano

da fundação da verde-e-rosa carioca, estabeleceram, com as mesmas cores, a primeira escola de samba do Maranhão? Existe até hoje, sob o nome de Associação Recreativa Beneficente Escola de Samba Turma da Mangueira. Coincidência? "Não acredito". Alcione sabe das coisas.

Beth menina, filha de Iansã com Ogun, virou mangueirense ali pelos sete, oito anos. Os pais a levavam para assistir aos desfiles da Rio Branco. Alugavam caixotes para ver melhor, ainda não era tempo de arquibancadas. "Quando a Mangueira passou, me ganhou. Não foi influência de ninguém, foi espontâneo, coisa da pele, como diz o Jorge Aragão. Foi o impacto das baianas naquela rodada que era só beleza. "A garotinha estudava balé clássico, sonhava com os palcos, em seduzir o público na ponta das sapatilhas. A Estação Primeira virou tudo. Na passagem do mestre-sala e da porta-bandeira, a imaginação foi junto. Em casa, pegou um cabo de vassoura, vestiu um trapo verde-rosa e o espelho foi a platéia. Ali nascia a mangueirense que tantos serviços prestou e presta à Estação Primeira gravando e divulgando seus grandes sambas, levando sua bandeira pelos palcos do mundo, mais um ponto a aproximar as duas magníficas estrelas.

O primeiro desfile de Beth foi há 26 anos. O enredo era "Mercadores e suas Tradições". O primeiro de Alcione foi em 74. Ela ingressou na Mangueira através de Dira, então relações públicas. "Mas eu não queria ser apenas mais uma desfilante, eu queria mergulhar fundo, saber o que poderia fazer para ajudar a comunidade. Sentia que tinha um destino ali". Em meados de 70, Careca, do Império Serrano, fundou a Império do Futuro, a primeira escola de samba mirim organizada. Convidou Alcione para madrinha. "Ai achei a minha missão". Em 15 de agosto de 1987, ela fundou o Grêmio Recreativo Cultural Mangueira do Amanhã, hoje um dos segmentos de trabalho mais importantes do Projeto Vila Olímpica da Mangueira.

A data não foi aleatória: correspondia ao aniversário da figura maior por quem Alcione apaixonou-se e a quem acompanhou até o final da vida: o insubstituível mestre Waldomiro, estruturador da bateria da Estação Primeira, a qual dirigiu durante 45 anos. Foi ele o primeiro tema-enredo da Mangueira do Amanhã.

Beth Carvalho seguia devoções semelhantes. "Desde o começo a minha relação mais forte dentro da escola foi com os músicos, os compositores, a bateria. O que acabou fazendo de mim a madrinha dessas alas".

Alcione continua a desenvolver projetos comunitários: O Mangueirarte, centro de arte da Vila Olímpica. O Centro de Apoio Sérgio Cabral da Mangueira do Amanhã, que ajuda os moradores fornecendo material escolar, alimentos não perecíveis, medicamentos e produtos de higiene. "Vou levar a mesma idéia para o Maranhão. É que existem dois M's muito fortes na minha vida: a Mangueira e o Maranhão".

As duas estrelas lembram momentos heróicos da Estação Primeira: o desfile de 84, com o enredo "Yes, nós temos Braguinha", quando a verde-e-rosa venceu o desfile da passarela de cimento armado, a então assustadora Praça da Apoteose, completando o desfile e rearmando-se a escola para o espetacular vice-versa. Resultado: Mangueira supercampeã, única escola a deter tal título até hoje. Há outros episódios tantos.

Em ambas a admiração pelas grandes figuras. Neuma, Zica, Mocinha, Delegado, Neide, Carlos Cachaça, Cartola, Nelson Cavaquinho, Padeirinho, esses representando a grandiosa galeria.

Beth e Alcione acreditam no carnaval deste ano e argumentam quase que com as mesmas palavras: "A escola está mordida, ferida, injuriada. É nessas horas que faz grandes carnavais". É verdade. A Mangueira já levanta a bandeira, já explode o grito de guerra: "Cuidado que a Mangueira vem aí. É só se segurar que a poeira vai subir". (L. F.)



Tom Jobim

Piano na Mangueira

João Luiz de Albuquerque

Quando o cara bate as botas aí fica fácil. As homenagens despenham qual jaca madura se desprendendo das alturas. Não foi diferente com o Tom Jobim. O *mortician* em New York nem ainda tinha fechado o tampo da sua caixa de maquiagem póstuma e as televisões daqui já estavam editando seus especiais chorosos. As mesmas que raramente o convidavam para pianar sua arte, sabe?, por não acreditarem no lbope do Tom vivo. As editoras partiram na captura de autores para biografias escritas a mil. A nossa Prefeitura informou: sai Vieira Souto e entre Tom Jobim, esquina com Vinicius de Moraes. A família do velho Vieira chiou, os novos ricos da avenida bronquearam a perda do *status* imobiliário, a justiça mandou repor as antigas placas e o prefeito jurou recorrer. Pobre Tomzinho: merecer, não merecia tamanha desrespeitosa rapina. E olha que ele era fã do urubu...

Em vida, todas as grandes homenagens vinham com sotaque estrangeiro. De gringo mesmo ou de galego de Portugal, na verdade dá na mesma, porque também língua estrangeira para qualquer carioca de verdade. Na França virou *Commandant des arts et des lettres*. Em Portugal, *Doutor honoris causa* da Universidade de Lisboa. Nos Estados Unidos, além de receber da BMI, maior arrecadadora de direitos autorais do mundo, o título de *Grande artista e compositor*, entrou para o *Popular music hall of fame*, na seleta companhia de Cole Porter, dos Gershwins, Irving Berlin, Sammy Cahn e, chega.

Lá na Plataforma, numa hora tarde de almoço, o chapéu panamá encostado na garrafa de Cavalo Branco, Tom fez questão de dirimir dúvidas: "Espero que ninguém imagine eu ter entrado para o vestibulo da fama... Esse *hall* aí vem a ser panteão! Lá fora já me homenagearam tanto que vou morrer com o peito coberto de medalhas!" Alguém arrisca: "Mas Tom, aqui no Rio teve..." e a meia frase fica pendurada na fumaça do cubano baforado pelo maestro. O corte é mudo. Vem do seu olhar, refulgir de farol alto, aceso pelo *flash* de recente lembrança inesquecível. "Aqui no Brasil, homenagem mesmo, tive uma. De todas, a mais importante, emocionante, arrasadora! Aquela da Mangueira, nossa Mangueira, a de todos nós, me dando seu carnaval!"

Sem mudar o lugar, Plataforma, rápido e rasteiro, o passado. Tom chegando sobraçando a quentinha com uma dobradinha de botequim do qual só ele tem o mapa da mina. Quinzenal mania gastronômica, bizarra, isso dele trazer seu almoço de outro lugar. Os habituais, amigos de sempre, nem estranham: o espanto é a euforia do Brasileiro de Almeida, logo explicada.

"Eles foram lá em casa, muito gentis, gente muito boa, muito simpática e falaram que queriam me fazer uma homenagem. Me perguntaram se aceitava receber a homenagem, se topava".

Eles quem, cara pálida?

"O pessoal da Mangueira! Eles foram saber se eu concordava em virar samba enredo, ser o carnaval deles..."

Jura? Maravilha! E aí?

"É um pouco difícil a gente receber uma homenagem... a pergunta feita... é uma coisa tão frontal... é uma coisa um pouco embaraçosa. Principalmente para quem foi educado, como a maioria dos brasileiros, para aquela coisa de falsa modestia. Você aprendia a ser humilde, o que era chique, naturalmente".

No início, as críticas arranharam a superfície da confiança do Tom. Diziam que ele nada tinha a ver com a Mangueira, seu samba era muito sofisticado e, por aí, a inveja ia. "Depois vi que a Mangueira estava certa.. Tá certa de escolher o Tom Jobim. Tô ligado nesse samba de morro desde que nasci. Em outros tempos subindo o Cantagalo e o Pavãozinho. E o *Orfeu Negro* foi feito na Mangueira, com o Cartola, Nelson Cavaquinho, o desfile na avenida. Teve também o *Orfeu do Carnaval* no Municipal e fiz samba canção, samba de batuque, de morro e a bossa nova é um tipo de música que veio do samba".

Vencido o primeiro obstáculo, o da aceitação geral da sua escolha para ser o enredo da Mangueira, logo pintou o segundo, último e o mais ameaçador: a neura do desfile, causada por aquela história dele ser colocado lá nas temidas alturas do seu carro alegórico.

"Não quero nem pensar nisso. Vou ter que ir para um lugar tão alto... Gostaria de ser homenageado um pouco mais baixo. Num carro alegórico juntinho do chão, cercado de mangueiras, aí até poderia ir tomando um chopinho. Mas vou mesmo ter que encarar aquela escadinha, veja só, com essa barriga, 65 anos de idade, não vai ser sopa, não. E aquilo balança! Por isso, até ando brincando, dizendo que vou levar meu pára-quadras".

Numa das idas de Tom à quadra da Verde e Rosa aconteceu a noite do batismo da ala *Os amigos do Tom*. A concentração, claro, aconteceu na Plataforma do seu alter-ego italiano, o Alberico Campana. A caminho do ônibus especial - com todo aquele rolar de águas, dirigir indo ou voltando seria convite à tragédia - Nana Caymmi, debochada, explicou seu motivo de sair na passarela: "Por que estou nessa? Deve ser um caso puramente sexual com o Tom!". O ator Joel Barcellos, nascido no Espírito Santo, falou assim: "Cheguei ao Rio em 60. O Tom foi logo avisando que na Mangueira tinha um compositor muito bom, o Nelson Cavaquinho e que eu devia ir lá conhecê-lo. Fui e, além de concordar com a opinião do Tom, ainda aprendi a jogar porrinha".

O batismo da ala foi uma festança, daquelas bem Mangueira. Jamelão cantou o samba de Hélio Turco, Alvinho e Jurandir da

Mangureira. Se todos fossem iguais a você, teve evoluções de Delegado e Mocinha. Tom recebeu o estandarte da Escola das mãos de Alcione e, sambando no palco, comemorou.

Manhã do desfile, a Mangureira dava os últimos retoques nas suas fantasias. Do outro lado do Rebouças, Tom Jobim e seus amigos davam, não os últimos, sim os primeiros discretos goles de uisquinho, chope, valia mesmo era o teor alcoólico. Na hora de entrar no Sambódromo os dois lados do tunel estavam prontos para o sacramento daquele eterno casamento, dito por aí como sendo a perfeita união do asfalto com o morro. Com a benção recebida naquela noite do batismo da ala *Amigos do Tom* quando Dona Zica e Antonio Carlos Jobim se abraçaram lá no palco, na frente de todo o mundo, cada um aplaudindo mais do que o outro.

A Mangureira veio que veio. A multidão ensandecida, cantou a sambou. Foi um desfile para só jurado botar defeito. Lá no alto do seu carro, todo de branco, ia o Tom, ao lado de um piano de cauda da mesma pálida alvura do branco. Cercado pelos nem tão anônimos

assim componentes da Estação Primeira, novos amigos, os de toda uma vida e da família. A mulher Ana, a filha Elizabeth, o filho Paulinho e aí o bloco com Dico Wanderlei, Marta e Hugo Carvana, Antonio Pedro, Alberico, Fernando Moraes, Miele, Nana, Jaguar, Márcia Rodrigues, Helô Garota de Ipanema e tantos outros em carne e fantasia, enquanto o poetinha Vinícius de Moraes, em boneco enorme, reinava no carro alegórico da Bossa Nova.

Problemas, Tom Jobim só com eles se deparou ao descer, são, salvo e feliz das alturas do seu carro. Tudo começou quando, cercado pela imprensa, um repórter da TV-Globo, rodando sua bichice, enfiou seu microfone no rosto assustado do homenageado. Num raríssimo comportamento, Tom chiou chumbo grosso:

"Não faz isso não! Não estou gostando disso não!! Isso é uma violência que você está fazendo comigo!!"

Pouco depois ele encontrou a paz e tranqüilidade no seu camarote. Como diz o outro, não cabia em si de contentamento. Tulipa de chope na mão, a direita portando um havana ainda apagado e uma caixa de fósforos tamanho cozinha,

Tom soltou a pressão da caldeira, qual Maria Fumaça:

"É muito grande minha emoção porque o povo brasileiro é muito bom, gente fina. Todos cantaram o samba da Mangureira. Eu também porque vim até aqui para homenagear a Mangureira, claro, né? A emoção foi o coração batendo mais depressa".

E aquele temor pela altura, Tom? "A sensação da altitude desapareceu quando vi o povo nas arquibancadas, mais alto do que eu. Não tomei Isordil, Cafiaspirina, nem um chopinho: tinha medo de, ao descer, cair daquela escada de incêndio, os degraus fininhos".

Até aquele momento e daí, madrugada à primeira luz das manhãs seguintes, a esperança da vitória habitava o coração mangueirense. Mas os envelopes da apuração não fizeram justiça à beleza do desfile da Mangureira naquele carnaval de 1992. Quando o Rio cantou:

*É carnaval, é a doce ilusão
É a promessa de vida
No meu coração.*

Mangureira vai deixar saudade...

Hoje, carnaval de 95, com a Mangureira entrando gloriosa no Sambódromo, a saudade eterna fica por conta de Tom Jobim.

O nosso amigo Mussum

Sérgio Cabral

Este é o primeiro desfile da Escola de Samba Estação Primeira, nos últimos 30 anos, sem a presença de Mussum, uma das nossas dolorosas perdas de 1994. As baianas, certamente, serão as que mais sentirão a sua falta, pois já fazia mais de 20 anos que Mussum desfilava com elas, ajudando a organizar a ala, animando-as e até, de vez em quando, levando uma amorosa espinhação, quando se metia a dar muitas ordens:

- Vá tomar seu mé, Mussum - diziam elas para acalmar o saudoso personagem e citando um dos seus motes de comediante.

Mussum - Antônio Carlos Bernardes - era um legítimo mangueirense. Adolescente e morador nas proximidades do Morro de Mangureira (vivia numa "cabeça de porco" na rua São Francisco Xavier), enturmou-se desde cedo com a rapaziada nos jogos de

futebol realizados embaixo do antigo viaduto, um improvisado campo de futebol que era conhecido como Chacrinha. Dali para a escola de samba foi um pulo, aliás, dos mais naturais, pois Mussum sabia



Mussum em família

tudo de samba dançava bem e tocava qualquer instrumento da bateria.

Sua carreira de artista não prejudicou os seus vínculos com a escola. Mesmo no auge do conjunto

Originais do Samba, do qual foi um dos mais destacados integrantes, não deixava de frequentar a escola, embora o grupo tenha feito de São Paulo a sua sede para o trabalho e para a moradia. Lançado

como comediante, no início dos anos 70, arranjava sempre um jeito de citar a Mangureira nos textos que os redatores humorísticos lhe reservavam. Se por exemplo, um dos personagens com quem dialogava cometia uma ação que não lhe parecia correta, ele advertia: "Na Mangureira, ninguém faz isso, não".

Grande Mussum! Os seus amigos e a comunidade mangueirense estão sen-

tido muito a sua falta. Mas sabemos que você está de olho no desfile da 1995, razão pela qual peço a sua atenção especial — mais uma vez — para a ala das baianas. Ela estará finindo.

tística é comandada por Gaúcho.

A Ala da escultura é formada por Glinston, Vanir e Remanowski.

A da pintura por Jamaica e sua equipe.

Na das ferragens, o comando é de Jorginho Ferreira.

E a da carpintaria tem à frente Jorge Miranda.

O enredo do bloco do barracão foi trabalhado de maneira bastante artesanal.

Com um pedaço de papel mais uma tela, fazem surgir uma árvore frondosa. Plásticos translúcidos e folhas de acrílico transformam-se num mar de brilho intenso. A modelagem das espumas faz balançar os tentáculos do grande monstro, que emerge de águas revoltas.

Cada peça é única, exclusiva, tem "griffe". Usa-se material moderno, mas não se faz concessões a modismos. Cada carro em seu

grande "glamour" final. Gente, o bloco do barracão é o maior barato! Só vendo.

Para Ivamar Magalhães, seu grande momento na Mangueira foi ter tido a oportunidade de criar, em 1992, o carnaval de Tom Jobim, seu ídolo. Ivamar é um bom pianista, toca na noite. O instrumento comum — o piano — traz o mestre sempre ao lado de Ivamar. Ontem, hoje e sempre.



BARRACÃO & ATELIER

Mangueira
95

Bloco do Atelier

Fundado em 1993 por Guanayra Firmino dos Santos, assistida por Nani e Amaury. Hoje, tem sede própria, na Vila Olímpica.

Do Bloco do Atelier saem as fantasias das baianas, da bateria, das crianças, das alas da comunidade, das composições dos carros, dos passistas. Tudo lindo, tudo limpo, tudo muito profissional. Também, quem é que vai brincar com a Guanayra e seu pulso de ferro?

A ala das costureiras tem 10 componentes e a direção de Wanda.

A Ala da chapelaria tem o Aluizio e mais 30.

O Bloco é tão unido, que

nas festas de fim de ano organizou até churrasco. Na cozinha tem estufa (construída artesanalmente pela turma do barracão) e o almoxarifado parece até uma vitrine de armarinho chique. Uma beleza!

Guanayra fala com orgulho do seu "bloco":

"Tudo começou da idéia de baixar os custos e realizar um trabalho final melhor, onde houvesse um perfeito controle de qualidade. Minha experiência vem da administração de minha própria Ala — das Panteras — que presido desde os 12 anos. Botei muito de mim aqui, coloquei um carinho especial. Este ano, nossa es-

cola vai distribuir cerca de 300 fantasias à Comunidade. Hoje, vejo que pode ser até um núcleo de profissionalização para a comunidade, até podemos trabalhar para outras escolas. O ano passado, as fantasias ficaram prontas uma semana antes do carnaval. Este ano, a 15 dias do desfile, todas as baianas estão prontas, sem correria, sem desgaste".

Acreditem, amigos, o Bloco do Atelier está causando o maior sucesso. Tem gente até que não acha a Guanayra simpática. Mas nessa matéria, pelo que se vê desfilando à nossa frente, competente ela é.



A Esmeralda do Atlântico

Carnavalesco: Ilvamar Magalhães

Introdução

Como o Portugal do Século XVI, a Mangueira este ano vem travestida de grande navegadora. 1995 é um ano verde, tamanha a esperança que tem embalado os sonhos do povo brasileiro. É um ano para ser atravessado como se atravessa o mar, levando rosas como oferenda.

Hoje, a VERDE - E - ROSA, inspirada no lema de que "navegar é preciso", adentra o mar e vai em busca da **Esmeralda do Atlântico**. Portanto, seja a passarela a esquadra mágica, de cujas escotilhas começamos a observar a grandiosa aventura marinha. A Mangueira chega molhada, líquida, transparente e misteriosa, trazendo o mar para a avenida, levando a avenida para o mar, sereia mulata aliciando, pedindo com graça a vossa companhia para a onírica viagem em busca do tesouro, um tesouro diferente, pouco ouro, muita gente, que só ganha quem tem gana, quem é crente. Todos ao convés! Cuidado com o balanço! Segurem-se nas cordas! Olhem, ela está chegando! E chega cantando:

*"No vai e vem desse mar
eu também vou velejar
eu sou Mangueira,
vamos balançar..."*

Comissão de Frente: A Guarda de Netuno

Quinze seres marinhos, meio homens, meio peixes, precedem o cortejo. É a guarda Netuno / Poseidon, o deus do mar. Tridentes à mão, abrem o mar para a passagem da escola, ora marciais, ora leves como plumas, metáforizando o movimento das águas, mostrando o ...

Carro Abre-Alas: A Mangueira Adentra o Mar

Primeiro Quadro: O Atlântico Resplandescente

Segundo Quadro: O Homem veio do Mar

Terceiro Quadro: A Lenda da Alamoá

Quarto Quadro: A Lenda do Monstro do Sueste

Quinto Quadro: A Lenda da Cacimba do Padre

Sexto Quadro: A Lenda do Cajueiro da Cigana

Sétimo Quadro: A Lenda do Tesouro do Capitão Kid

Oitavo Quadro: O Verdadeiro Tesouro: A Esmeralda do Atlântico.



ENREDO

Mangueira
95



As Classificações da Mangueira

As competições entre Escolas de Samba tiveram início no domingo 20 de fevereiro de 1929, com a disputa em Engenho de Dentro de um único quesito — o melhor samba — entre Mangueira, Portela (Conjunto Escola de Samba de Oswaldo Cruz) e Estácio. O organizador e único jurado foi um dos fundadores da Estação Primeira da Mangueira, José Gomes da Costa (Zé Espinguela), que mesmo assim sagrou campeã a Portela, com o samba de Heitor dos Prazeres **Não Adianta Chorar**. Mangueira também apresentou-se pujante, tendo os seus sambistas Cartola e Arthurzinho apresentado dois sambas monumentais. Foram **Beijos e Eu Quero Nota**.

Nos carnavais de 1930 e 1931, não se tem notícia da existência de concursos formais entre Escolas de Samba com classificação de vencedores.

Em 1932, o jornal Mundo Sportivo patrocinou o primeiro concurso em moldes semelhantes aos de hoje. Desse ano até agora, houve sempre competição entre Escolas de Samba.

Em 20 de janeiro de 1934, houve um desfile em homenagem ao Prefeito Pedro Ernesto, no Campo

de Santana, sagrando-se Campeã a Mangueira. No carnaval o jornal A Hora patrocinou um desfile no qual a agremiação vencedora seria apontada por voto popular. A Mangueira negou-se a concorrer e os promotores do evento resolveram realizar o desfile sem escolher vencedores. Não houve, portanto, campeões em 1934.

Em 1937, o delegado Dulcídio do Espírito Santo resolveu desligar a eletricidade e encerrar a apresentação das Escolas quando ainda faltavam desfilar 16 Escolas, entre as quais Mangueira, Prazer de Serrinha e Unidos da Tijuca. Nessas condições, foi vencedora a Escola Vizinha Faladeira.

Em 1938, uma chuva torrencial impediu que dois dos três quadros comparecessem. O que compareceu retirou-se logo, de modo que as trinta e cinco Escolas inscritas desfilaram com chuva e tudo, mas não houve vencedoras.

Em 1952, aconteceu pouco mais ou menos a mesma coisa: chuva torrencial, os jurados retiraram-se, as Escolas desfilaram apesar da chuva, mas não houve vencedoras.

Em 1960, ficaram classificadas em 1º lugar cinco Escolas, Manguei-

ra, Portela, Império Serrano, Salgueiro e Unidos da Capela.

Em 1980, também ficaram classificadas em 1º lugar mais de uma escola: Portela, Beija-Flor e Imperatriz Leopoldinense. Essas três agremiações conseguiram nota máxima em todos os quesitos, coisa que só havia acontecido uma vez, em 1953, com a Portela, sob a presidência de Armando Santos.

Em 1986, a Mangueira campeã do Carnaval, quase repetiu essa façanha. Alcançou nota máxima com todos os jurados, exceto com a jurada Tereza Gureg, encarregada de julgar Alegorias e Adereços, que nos deu nota 9 (nove) no quesito.

Em 1987, mais uma vez, Mangueira bicampeã. No ano seguinte, à beira do tricampeonato, sagrou-se vice-campeã, perdendo por um ponto para a Vila Isabel.

De lá para cá, alguns equívocos, alguns acertos, certas injustiças, a estrela da vitória não voltou ainda a brilhar para a verde-e-rosa.

Neste 1995, mais uma vez o coração da comunidade bate forte. A ESMERALDA DO ATLÂNTICO traz de volta o verde da esperança aos nossos corações!

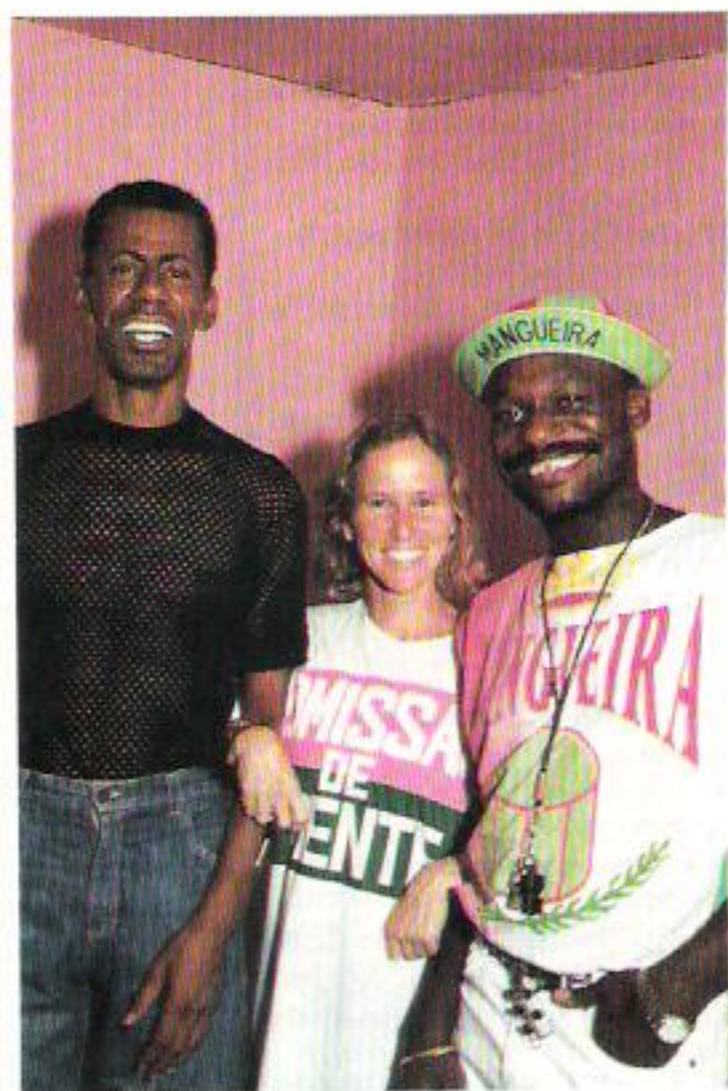
1932	1º	1945	2º	1958	3º	1971	4º	1983	5º
1933	1º	1946	2º	1959	4º	1972	2º	1984	1º
1934	-	1947	2º	1960	1º	1973	1º	1985	7º
1935	2º	1948	4º	1961	1º	1974	4º	1986	1º
1936	2º	1949	1º	1962	4º	1975	2º	1987	1º
1937	-	1950	1º	1963	2º	1976	2º	1988	2º
1938	-	1951	2º	1964	3º	1977	7º	1989	9º
1939	2º	1952	-	1965	4º	1978	2º	1990	8º
1940	1º	1953	3º	1966	2º	1979	4º	1991	11º
1941	2º	1954	1º	1967	1º	1980	4º	1992	6º
1942	3º	1955	2º	1968	1º	1981	4º	1993	5º
1943	2º	1956	3º	1969	2º	1982	4º	1994	11º
1944	2º	1957	3º	1970	3º				

Enredos e Sambas-Enredos da Mangueira, dos anos 60 aos dias atuais

- 1960 - *Carnaval de todos os tempos*
Hélio Turco, Pelado e Cícero
- 1961 - *Recordação do Rio Antigo*
Hélio Turco, Pelado e Cícero
- 1962 - *Casa Grande e Senzala*
Jorge Zagaia, Leléio e Comprido
- 1963 - *Exaltação à Bahia*
Hélio Turco, Pelado e Comprido
- 1964 - *História de um Preto Velho*
Hélio Turco, Pelado e Comprido
- 1965 - *O Rio Através dos Séculos*
Hélio Turco, Pelado e Comprido
- 1966 - *Exaltação a Villa-Lobos*
Jurandir e Cláudio
- 1967 - *O Mundo Encantado de Moteiro Lobato*
Hélio Turco, Darci, Jurandir, Batista, Luiz e Dico
- 1968 - *Samba, Festa de um Povo*
Hélio Turco, Darci, Batista e Dico
- 1969 - *Mercadores e suas Tradições*
Hélio Turco, Darci e Jurandir
- 1970 - *Um Cântico à Natureza*
Nei, Ailton e Dilmo
- 1971 - *Os Modernos Bandeirantes*
Darcy da Mangueira, Hélio Turco e Jurandir
- 1972 - *Rio, Carnaval dos Carnavais*
Padeirinho, Nilton Russo e Moacir
- 1973 - *Lendas do Abaeté*
Jajá, Preto Rico e Manuel
- 1974 - *Mangueira em Tempo de Folclore*
Jajá, Preto Rico e Manuel
- 1975 - *Imagens Poéticas de Jorge de Lima*
Talito, Morart e Delson
- 1976 - *No reino da Mãe do Ouro*
Talito e Rubem da Mangueira
- 1977 - *Panapanã, o Segredo do Amor*
Jajá e Tatinho
- 1978 - *Dos Carroceiros do Imperador ao Palácio do Samba*
Rubem da Mangueira e Jurandir
- 1979 - *Avatar, e a Selva Transformou-se em Ouro*
Talito, Ananias e Rato do Tamborim
- 1980 - *Coisas Nossas*
Carlos Roberto, Ney da Mangueira e Aylton da Mangueira
- 1981 - *De Nonô a J. K.*
Jurandir, Comprido e Arroz
- 1982 - *As Mil e Uma Noites Cariocas*
Flavinho, Heraldo Faria e Talito
- 1983 - *Verde Que Te Quero Rosa... Semente Viva do Samba*
Heraldo Faria, Geraldo Neves e Flavinho Machado
- 1984 - *Yes, Nós Temos Braguinha*
Jurandir, Hélio Turco, Comprido, Arroz e Jajá
- 1985 - *Abram Alas, Que Eu Quero Passar*
Jurandir, Hélio Turco e Darci
- 1986 - *Caymmi Mostra ao Mundo o que a Bahia e a Mangueira têm*
Ivo, Paulinho e Lula
- 1987 - *O Reino das Palavras* - Carlos Drummond de Andrade
Rody, Verinha e Bira do Ponto
- 1988 - *Cem Anos de Liberdade, Realidade ou Ilusão*
Hélio Turco, Jurandir e Alvinho
- 1989 - *Trinca de Reis*
Fandinho, Ney e Adilson do Violão
- 1990 - *Deu a Louca no Barroco*
Hélio Turco, Jurandir e Alvinho
- 1991 - *Três Rendeiras do Universo*
Hélio Turco, Jurandir e Alvinho
- 1992 - *Se Todos Fossem Iguais a Você*
Hélio Turco, Jurandir e Alvinho
- 1993 - *Dessa Fruta eu Como Até o Caroço*
Bira do Ponto, Eraldo Caê, Carlos Sena, Jirceu, Verinha, Preto e Gustavo do Cavaco
- 1994 - *Atrás da Verde e Rosa só Não Vai Quem já Morreu*
Fernando de Lima, David Correia, Carlos Sena e Paulinho Carvalho
- 1995 - *A Esmeralda do Atlântico*
Rody, Verinha, Paulinho Carvalho e Fernando de Lima



Velhos Quesitos



mangueirenses, de cuja garra dependem 30 pontos da maior importância para os destinos da nossa agremiação: Dalmo José, Alcir Explosão e Débora Colker. Mestre Sala e Porta-Bandeira, Bateria e Comissão de Frente.

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Dalmo José é o responsável pela descoberta, entre as crianças da comunidade, daqueles que te-

contre o seu estilo, sua própria marca.

Das equipes de Dalmo têm saído muita gente, hoje mais famosa que o simples padrinho que os descobriu: Patrícia, porta-bandeira da Viradouro, Ubirajara, mestre-sala da Unidos da Ponte, exemplificam nossa afirmação.

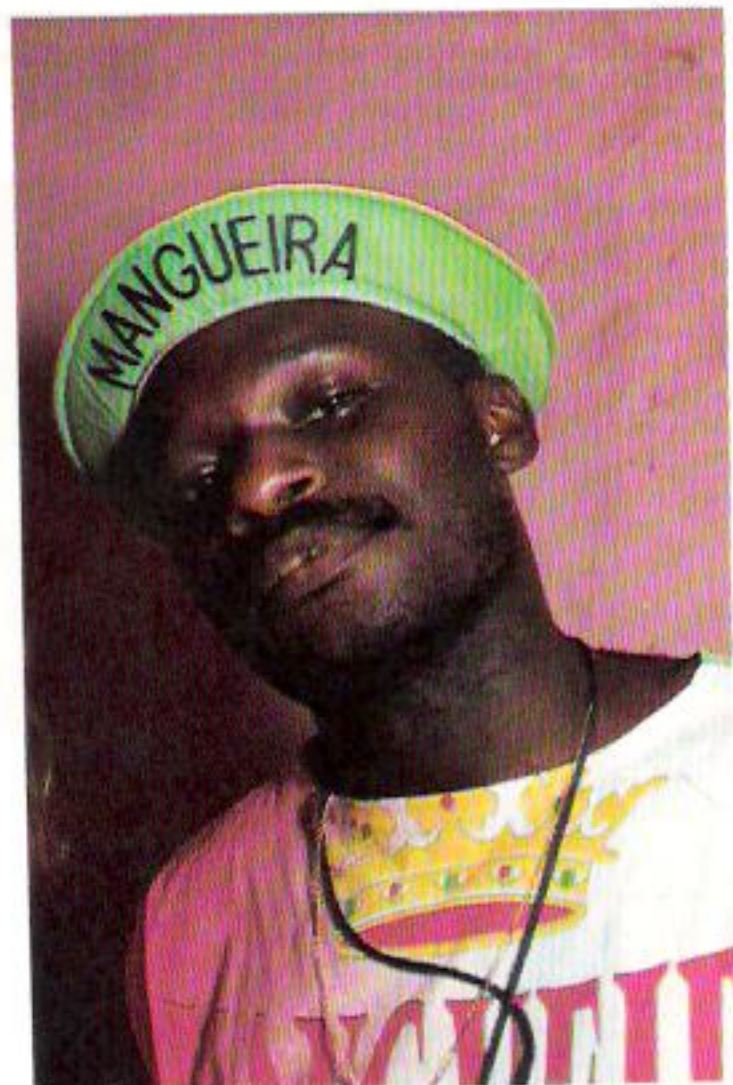
Marquinho e Jeovana, o primeiro casal da Mangueira, cresceram orientados pelo mestre. Jeovana, inclusive, quando menina, recebeu um Estandarte de Ouro, oferecido ao conjunto do trabalho de Dalmo José com as crianças.

Birinha e Kátia, o segundo casal, vão seguindo a mesma trilha.

É fácil a notoriedade para quem ocupa o topo das instituições ou outros cargos que, por si sós, já colocam os ocupantes sob o foco dos refletores: presidentes, diretores, rainhas de bateria, carnavalescos, destaques. Só que é preciso lembrar que, para que o palco final se ilumine — no caso, a passarela — milhares de rostos anônimos ofereceram o próprio suor na construção e no acabamento de cada quesito.

nham um talento especial para ocupar o cargo de mestre-sala ou de porta-bandeira, começando pela Mangueira do Amanhã e mais tarde — quem sabe? — exercendo esse papel de relevo na Estação Primeira. Encontrada a pedra preciosa, Dalmo a burila, nos moldes tradicionais das estrelas da história, Massu e Raimunda (ou Lina), Neide e Delegado, Lilico e Mocinha, sem impedir, entretanto, que cada um en-

Alcir



A Nação Mangueirense tem o povo de sangue — os aqui nascidos e criados — e os agregados, que um dia chegaram e foram ficando, o sangue das veias também colorido em verde-e-rosa. Este ano apresentamos a vocês três

Novas Emoções

Como joalheiro competente, Dalmo cultiva seus diamantes com esmero e, pouco a pouco, dispõe cada um deles no engaste adequado. Com dedicação, sem se preocupar com coroas de louro e, sobretudo, sem querer saber o valor do seu passe, pois jamais teve a intenção de vendê-lo.

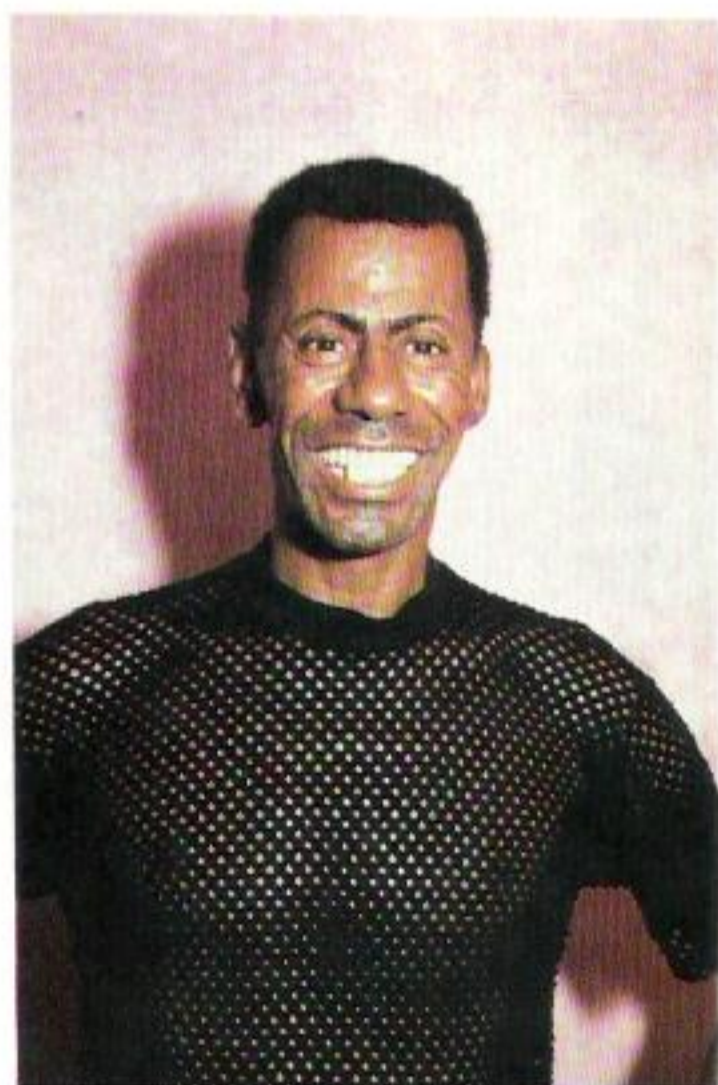
Axé, Mestre Dalmo!

Bateria

Alcyr Explosão nasceu com o coração pulsando no compasso do surdo que bate sem resposta. Um surdo de primeira. Responsável pela preservação do desenho tradicional da bateria da Mangueira, Alcyr frequentemente tem que fe-

char os ouvidos para os comentários de alguns jurados menos experientes, que acham que toda bateria tem que ousar. Ousar como, se todo mundo reconhece aquele pulsar semelhante ao de um corpo vivo, já louvado em prosa, verso e canção?

Segura aí, Mestre Alcyr! Você tem o aval de Waldomiro, lá do céu. E da Nação, aqui embaixo...



Dalmo

Débora e os rapazes da Comissão de Frente



Conduz com a batuta os seus 250 meninos e, com a ajuda dos também Mes-tres Taranta, Russo, Zé Campos e Genecir, bota fogo no mar de Noronha...

Comissão de Frente

Depois da louvação dos dois negros da casa, adentra a passarela a mais nova das neguinhas da Mangueira: a louríssima Débora Colker, dona este ano dos agitos da Comissão de Frente. Debinha,

como coreógrafa, é um feitor. No mais puro estilo dos Arengueiros de 1925, lembra Cartola dizendo que iam à avenida "prá brigar, pra bater... pra ser preso", se preciso fosse, tudo por amor à camisa verde-e-rosa.

Depois de "lascar o couro" dos seus 15 "gatos", ela olha de soslaio para os lados, com um jeito maroto de quem diz: "Esse 10 ninguém tira da gente!"

Oxalá te proteja, Débora!

É isso aí, gente, a Mangueira na área. Com essa nova geração bebendo na mesma fonte que alimentou as raízes, ano a ano esta árvore fica mais forte, altaneira e... de pé.

A RAINHA É UMA NEGUINHA

Ivo Meirelles



*Viviane
e Ivo Meirelles*

A Bateria da Mangueira, sempre foi diferente em todos os aspectos. Além dos seus diretores de bateria (hoje em dia são todos mestres) ela tem uma diretoria completa: Presidente, Vice, Secretários, Tesoureiros etc... Todo mundo sabe que sua pancada seca no surdo sem resposta é a grande marca registrada da bateria mais tradicional das Escolas de Samba existentes no país. Mas o que muita gente não sabe é que essa mania de troca de MADRINHA na Mangueira não é comum. Veja bem: madrinha a gente só tem uma e que normalmente nunca é trocada a cada ano. A MADRINHA da Mangueira é e sempre foi a D. Neide do Waldir (como é carinho-

samente conhecida) e ela nunca será trocada, enquanto vida tiver. RAINHA sim, esta sempre passa a coroa para outra.

NA MANGUEIRA TEM RAINHA DE BATERIA.

Rainha de bateria tem que ter samba no pé, apesar de alguns acharem que não... Põe-se uma "biônica" lá, de preferência que seja top model. Coitados dos ritmistas, dando o seu suor e sangrando os seus dedos à mercê de uma coitada que não faz idéia do "mico que está pagando". Na Mangueira tem eleição... Eleição mesmo... Prá RAINHA DA BATERIA. Qualquer mega top model star seria a última colocada se disputasse, um dia, para RAINHA DA BATERIA DA MANGUEIRA.

Esse ano, pela segunda vez, ganhou a Viviane Vaz. 18 aninhos... bonitinha para cachorro (e olha que eu nem sei latir), gafíssima! Samba no pé que só ela. O dia que inventarem o quesito RAINHA DE BATERIA a VERDE-ROSA vai papar tudo. D. Beatriz e "Seu" Tião (os pais da moça) estão rindo à toa... E nós também. Afinal de contas a nossa bateria, mais uma vez, vai botar o bicho prá pegar com uma RAINHA que sabe dizer, e muito, no pé.

É com muito orgulho que finalizo, agradecendo a Deus por nos conduzir ao caminho certo. Sabem por quê? Porque na Mangueira A RAINHA É UMA NEGUINHA.



Lena, Armando, Guanayra, Rato, Miriam e Beto.



De pé - Ivó, Edson, Alcir e Nilcemar
Sentados - Deyse, Jorge e Marília

ficaram coordenando o ensaio de rua. Resultado: o Flávio Colker só nos pegou em duas fotos separadas. A aparente "divisão" apenas revela que estamos cada dia mais unidos.

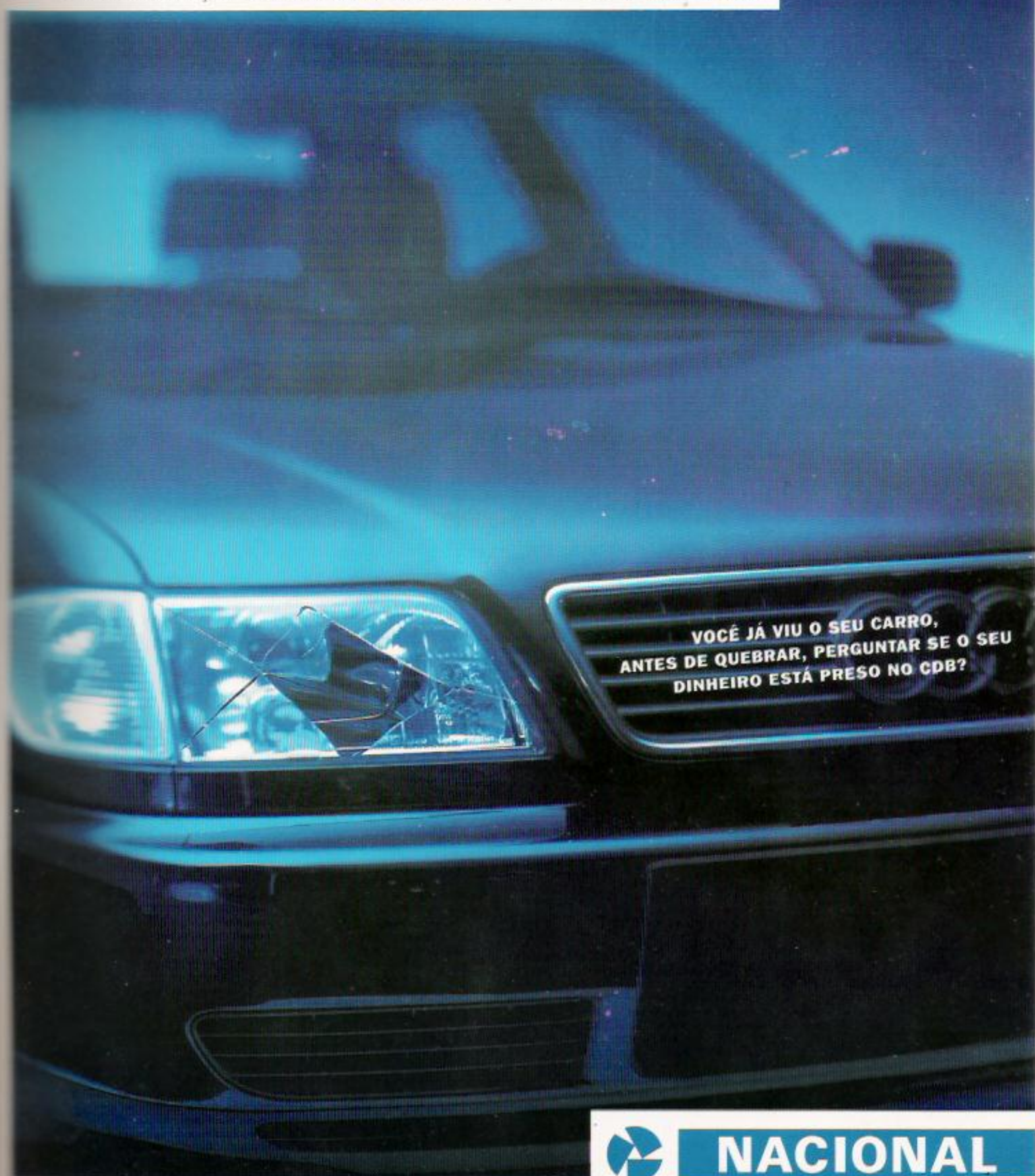
A gente trabalhou tanto, cada grupo dedicado à sua tarefa específica, que no domingo combinado para a foto da Comissão de Carnaval, enquanto uns foram à Vila Olímpica recolher material para a Revista (os garotos emprestaram as fantasias), outros

TUDO PELA MANGUEIRA!!!

Nossos agradecimentos a todos aqueles que, de alguma forma ajudaram para o carnaval de nossa escola.

ATELIÊ GETULIO BARBOSA
ATELIÊ TRÊS POR QUATRO (JURANDIR)
BANCO BAMERINDUS DO BRASIL
BANCO NACIONAL
BECO DO BRILHO
CASA PINTO (DONA IVONE)
CHURRASCARIA ESTRELA DO SUL - TIJUCA
COLÉGIO SANTA MÔNICA
EMPRESA DE ENGENHARIA CARIOCA
EMADER EMPRESA AUX. DE ENGENHARIA
FISTER JUSTUS
GOLDEN CROSS
G. RIBEIRO
GUARAVITA
LEITE DE ROSAS
LÉO MADEIRAS S/A E FERRAGENS
PAES MENDONÇA
PEPSI COLA
PLAST LUX
R. PINTO MATERIAIS ELÉTRICOS
REI DAS TINTAS
SÉRGIO DE BARRA MANSA
SISTER ISOLANTES TÉRMICOS LTDA.
SOBRADÃO DO CARNAVAL
TRENDS CONSULTORES ASSOCIADOS
TRÊS AZES COMÉRCIO DE TINTAS
XEROX DO BRASIL

CDB NACIONAL. O DINHEIRO QUE VOCÊ APLICA VIRA UMA LINHA DE CRÉDITO NO MESMO VALOR, PARA VOCÊ SACAR QUANDO PRECISAR. No CDB NACIONAL O SEU DINHEIRO CRESCE, AUMENTA, MULTIPLICA, E SE ANTES DO PRAZO VOCÊ PRECISAR DELE POR QUALQUER MOTIVO, PODE CONTAR COM UMA LINHA DE CRÉDITO AUTOMÁTICA. ASSIM, SE O SEU CARRO DE REPENTE TOMAR O RUMO DA OFICINA, VOCÊ PODE PAGAR A CONTA SEM SACAR O DINHEIRO INVESTIDO. É MAIS UMA TRANQUILIDADE GARANTIDA PELA INVESTCONTA. APLIQUE NO CDB NACIONAL. PORQUE SE IMPREVISTO ESPERASSE O DIA DA SUA APLICAÇÃO VENCER PARA ACONTECER, NEM TERIA ESTE NOME.



VOCÊ JÁ VIU O SEU CARRO,
ANTES DE QUEBRAR, PERGUNTAR SE O SEU
DINHEIRO ESTÁ PRESO NO CDB?



NACIONAL

O Banco que está a seu lado.



Nº1 EM ALEGRIA.